

INQUÉRITO PRELIMINAR AO SERVIÇO DO ESTUDO DA  
RECEÇÃO PELA TEOLOGIA REFORMADA DA PRODUÇÃO  
FILOSÓFICA COIMBRÃ DO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO  
XVI: O CASO DO ‘LÉXICO FILOSÓFICO’ DE GOCLÊNIO (1613)

*AN INQUIRY INTO THE RECEPTION OF SIXTEENTH-CENTURY COIMBRA  
PHILOSOPHICAL PRODUCTION BY REFORMED THEOLOGY: THE CASE  
OF GOCLINIUS’S ‘LEXICON PHILOSOPHICUM’ (1613)’*

MÁRIO SANTIAGO DE CARVALHO<sup>1</sup>

**Abstract:** The article reviews most of the occurrences or citations of the texts of the Coimbra Jesuits (Fonseca, Góis, Couto and Álvares) in the *Lexicon Philosophicum* (1613) by Rudolph Göckel with the purpose to pursue a larger research project on the reception of the Coimbra school by the school of Marburg. It confirms that Göckel’s contact with Fonseca’s and Góis’s text is impressive and seems to indicate that Fonseca’s privilege does not depend on his metaphysical issues.

**Keywords:** Glocenius *Lexicon Philosophicum*, Coimbra Jesuits, Metaphysics.

**Resumo:** O artigo recenseia a maior parte das ocorrências ou citações dos textos dos jesuítas de Coimbra (Fonseca, Góis, Couto e Álvares) feitas pelo *Léxico Filosófico* (1613) de Rudolfo Goclénio a fim de encetar um projeto de trabalho sobre a receção da escola de Coimbra pela de Marburgo. O exame feito confirma o impressionante contacto de Goclénio com tais textos, em particular com os de Fonseca e Góis, sem, contudo, mostrar que o privilégio concedido a Fonseca resulta exclusivamente de motivos do campo da metafísica deste.

**Palavras-chave:** ‘Léxico Filosófico’ de Goclénio, Companhia de Jesus, Metafísica.

---

<sup>1</sup> Professor catedrático aposentado da FLUC; Unidade I. & D. “Instituto de Estudos Filosóficos” (IEF). Email: [carvalhomario07@gmail.com](mailto:carvalhomario07@gmail.com); ORCID: 0000-0002-8257-9962.

## 1. De Marburgo...

Rudolph Göckel Sênior (1547-1628), conhecido entre os latinos como Rodolphus Goclenius,<sup>2</sup> foi um lexicógrafo, filósofo e eminente professor de filosofia (lógica, física, metafísica e ética) na muito jovem Universidade de Marburgo. Tendo aqui iniciado os estudos universitários, Goclénio frequentou de seguida Erfurt e Wittenberg, laureando-se como *magister* neste último campus<sup>3</sup>. Fundada em 1527, a hoje Philipps-Universität Marburg foi a primeira universidade a servir a causa luterana (nas áreas da teologia, medicina, direito e filosofia), situação que no início do século XVII (1607) se alterou passando a seguir, por razões políticas, uma orientação calvinista. Em virtude do relevo da disciplina em que Goclénio preponderou em Marburgo – a metafísica e a ontologia –, à guisa de exergo, de ‘*captatio benevolentiae*’ e, sobretudo, enquanto contribuição indireta para qualquer eventual descoberta decorrente deste presente inquérito, vale a pena deixar anotado que, com a chegada à cátedra do eminente metafísico Christian Wolff em 1723, a Universidade de Marburgo viverá de novo um tempo de renascimento na sua por então breve e interrompida história.<sup>4</sup> Uma segunda conspícua curiosidade, tão bem justificada neste inquérito, passará por registar que vai ser precisamente num curso em Marburgo (1927) que, redimindo-se do seu silêncio sobre o papel do coimbrão Pedro da Fonseca na história da metafísica, Martin Heidegger apõe o nome do português ao lado do companheiro Francisco Suárez.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> Numa nossa recensão, o nome do professor alemão apareceu invariavelmente grafado “Glocénio” (“Marco Lamanna, *La nascita dell’ontologia nella metafísica di Rudolph Göckel (1547-1628)*, G. Olms Verlag, Hildsheim – Zurich – New York, 2013, 349pp., *Revista Filosófica de Coimbra* 23 (2014), 209-210); dá-se por adquirido, neste momento, que tal gralha é definitivamente superada e esclarecida.

<sup>3</sup> Sobre a vida (e obra) de Goclénio, vd. Friedrich Wilhelm Strieder, *Grundlage zu einer hessischen Gelehrten und Schriftsteller Geschichte. Seit der Reformation bis auf gegenwärtige Zeiten*, Bd. 4 (Göttingen: Barneier, 1784), 428 e sg; J. Freudenthal, „Goclenius, Rudolf“ in: *Allgemeine Deutsche Biographie* 9 (1879), 308-312 [Online-Version]; URL: <https://www.deutsche-biographie.de/pnd119396181.html#adbcontent>; Walter J. Ong, *Ramus, Method and Decay of Dialogue: From the Art of Discourse to the Art of Reason* (Cambridge. Mass.: Harvard University Press, 1958); M. Lamanna, *La nascita dell’ontologia nella metafísica di Rudolph Göckel (1547-1628)* (Hildsheim – Zurich – New York: G. Olms, 2013), 15-63. Para a obra de Goclénio, consulte-se a “Post Reformation Digital Library”, in: [https://www.prdl.org/authors.php?a\\_in=G](https://www.prdl.org/authors.php?a_in=G) (acedido em maio de 2025).

<sup>4</sup> Cf. Pierre-François Moreau, «Wolff et Goclenius», *Archives-de-Philosophie* 65, 1 (2002), 7-14.

<sup>5</sup> Cf. M. Heidegger, *Die Grundprobleme der Phänomenologie*, Gesamtausgabe, Band 24 (Frankfurt a. Main: V. Klostermann, 1975), 112. O historiador W. Gass, *Geschichte der Protestantischen Dogmatik in ihrem Zusammenhange mit der Theologie überhaupt*. Erster Bd.: Die Grundlegung und der Dogmatismus (Berlin: G. Reimer, 1854), 186 observara

Até há algum tempo, Rodolfo Goclénio assegurava o seu lugar na história da filosofia enquanto autor do famoso *Lexicon Philosophicum*, publicado em 1613.<sup>6</sup> Ao obreiro deste dicionário é ainda, muitas vezes, atribuída a criação dos termos “psicologia” e “ontologia”. A verdade é que o primeiro vocábulo deve ter surgido na obra de Marko Marulic, *Psichologia de ratione animae humanae* (c.1520), disseminando-se o seu uso na Alemanha dos anos 80 e 90 do século XVI,<sup>7</sup> enquanto o segundo já se encontra, sete anos antes da publicação do *Lexicon*, na obra de Jakob Lorhard, *Ogdoas scholastica* (1606).<sup>8</sup>

O lugar de Goclénio na história da filosofia ultrapassa a de mero autor do *Lexicon* ou de lexicógrafo e, crescendo o reconhecimento do seu papel na filosofia, requisita-se cada vez mais a avaliação e a ponderação do seu contributo para matérias cruciais como a lógica – domínio em que publica a primeira obra (1589) –, a física, sua cátedra inaugural em Marburgo (1581) e, di-lo-emos também, a ontologia.<sup>9</sup> Uma nota com o seu quê de curiosidade: tal como os professores universitários, hoje em dia, se afadigam em estabelecer normas ou parâmetros para que os seus estudantes possam lidar canonicamente com a IA, Goclénio teve no seu tempo uma intervenção similar, conquanto para o plano dos métodos.<sup>10</sup> Juntamente com os de Bartholomaeus Keckermann (1572-1609), Clemens Timpler (1563-1624) e Johannes Henricus Alsted (1538-1688), o nome de Goclénio precede, no domínio da lógica ou metafísica, a geração imediatamente anterior ao porventura mais

---

que a *Metafísica* de Fonseca, bem como a de Zabarella, eram geralmente citadas com o mesmo título de Suárez.

<sup>6</sup> Cf. Rodolfo Goclénio, *Lexicon Philosophicum quo tanquam clave philosophiae fores aperiuntur, Informatum opera et studio Rodolphi Glocenii* (Francofurti: Typis viduae Matthiae Beckerii, impensis Petri Muscoli, 1613); Rodolfo Goclénio, *Lexicon Philosophicum Graecum* (Marchioburgi: Typis Rudolphi Hutwelckerei, Impensis Petri Musculi, 1615) [rep. anastática: Hildsheim/New York, Georg Olms, 1980].

<sup>7</sup> Marco Lamanna, “On the Early History of Psychology”, *Revista Filosófica de Coimbra* 38 (2010), 291-314.

<sup>8</sup> Lamanna, *La nascita*, 166; Jakob Lorhard, *Ogdoas scholastica continens diagraphen typicam artium Grammatices, Logices, Rhetorices, Astronomices, Ethices, Physices, Metaphysices, seu Ontologiae* (Sangalli: Apud G. Straub, 1606); “ogdoás” é a transliteração do substantivo feminino grego “grupo de oito”.

<sup>9</sup> Cf. R. Goclenius, *Problemata logica* (Marburg: Egenolphus, 1591); *Isagoge in Organum Aristotelis* (Frankfurt: Palthenius, 1598); *Disputatio Philosophica* (Marburg: Egenolphus, 1603, 1604); *Physicae completae* (Francofurti: Palthenius, 1604); *Themata De corporibus Physicis, et speciatim De cometis* (Marburgi: Egenolphus, 1589).

<sup>10</sup> R. Goclenius, *Commentariolvs De Ratione Definiendi. In Vsvm Academiae Marpurgensis* (Frankfurt/Main: Zacharias Palthenius, 1600).

célebre Johannes Clauberg (1622-1665).<sup>11</sup> Sem descurar o platonismo,<sup>12</sup> mas sobretudo na qualidade de representativo cabouqueiro da penetração do aristotelismo no ambiente filosófico-teológico da Igreja Reformada (“Protestantische Schulphilosophie”),<sup>13</sup> é agora indiscutível o reconhecimento do papel de Goclénio na “codificação da ontologia” (*Isagoge in primam philosophiam*, 1598) e no léxico desta disciplina (*abstractio, analogia, aliquid, possibilitas* e *res*, designadamente), como foi muito bem posto em relevo por Marco Lamanna.

Com efeito, após a diatribe de Lutero contra a metafísica, inclusive a do Macedónio, a obra e o pensamento deste último começaram inevitavelmente a concitar as atenções da teologia protestante ainda um pouco antes da autorizada e decisiva intervenção de Philip Melancthon,<sup>14</sup> erigida como um farol para a teologia luterana universitária por vir. Para a nossa situação e geografia cultural, basta lembrar como o historiador J. Hirschberger identificava Joaquin Zentgrav enaltecendo os autores de Coimbra, em Estrasburgo, tal como o também historiador e investigador M. Forlivesi anotava idêntico apreço, mas na Universidade de Groningen.<sup>15</sup>

Inevitavelmente, tornou-se imperativo, mormente para os historiadores da filosofia ou para os filósofos com sensível inclinação para a história, procurar definir ou ao menos caracterizar com aproximação crescente o lugar de Goclénio relativamente às três maiores escolas filosóficas que o precederam, o tomismo, o escotismo e o nominalismo. Muito recentemente ainda, à luz

<sup>11</sup> Adi Efal-Lautenschläger, “Self-examination, Understanding, Transmission: On Becoming a Teacher in Clauberg’s *Logica vetus et nova*”, in *Reading Descartes Consciousness, Body, and Reasoning*, edited by Andrea Strazzoni, Marco Sgarbi (Firenze: Firenze University Press, 2023), 108.

<sup>12</sup> Cf. R. Goclenius, *Rodolphi Goclenii Svmmi Philosophiae Doctoris, Professoris Academici, Partitionvm Dialecticarum ex Platone, Aristotele, Cicerone, Philippo, Bernardo Copio et aliis; in vsum discipulorum suae fidei commissorum, concinnatarum; Libri II. Omnibvs iis, qvi Aristotelica, & Ramea simul intelligere, nodosq; difficiles expedite dissoluere cupiunt, multum profuturi. Accessit De ratione disputandi breuis et Methodica Introductio*. (Francofurti: Palthenius, 1595).

<sup>13</sup> Cf. Freudenthal, “Goclenius”.

<sup>14</sup> Cf. H.-R. Schwab, *Philipp Melancthon. Der Lehrer Deutschlands. Ein biographisches Lesebuch* (Berlin: Verlag Dtv, 1997); Gideon Stiening, “Deus vult aliquas esse certas notitias”: Philipp Melancthon, Rudolph Goclenius und das Konzept der ‘notitiae naturales’ in der Psychologie des 16. Jahrhunderts”, in *Melancthon und die Marburger Professoren (1527-1627)*, hrsg. von Barbara Bauer, (Marburg: Universitäts-Bibliothek, 2000) 757-787.

<sup>15</sup> J. Hirschberger, *Historia de la Filosofía* Tomo I; trad. (Barcelona, Herder, 1977), 521; Marco Forlivesi, *La filosofia universitária tra XV e XVII secolo* (Padova: Cleup, 2013), 82; D. Maurício, “Os Jesuítas e a filosofia portuguesa dos séc. XVI a XVIII”, *Brotéria*, 21, (1935), 314-316; veja-se igualmente M.S. de Carvalho, “O jovem Karl Marx, leitor inesperado de um comentário jesuíta português”, *Brotéria* 191: 5 (2020), 410-418.

de trabalhos atuais sobre a história da ontologia, a marca escotista de Goclénio no percurso desta disciplina foi lida com acribia.<sup>16</sup> A falar verdade, pois, além de filólogo dicionarista – uma atividade com a qual o autor do inquérito presente não pode deixar de simpatizar<sup>17</sup> (faço notar que o lexema “dictionarium” já se encontra atestado no século XV) – Goclénio interveio em quase todas as áreas filosóficas em que um comum professor da época devia fazê-lo, embora a ação do alemão numa particular conjugação de lógica (aristotélica e ramista) com metafísica, especificidade, para não dizer “necessidade” da teologia reformada, tem sido mais posta em relevo do que idêntica intervenção na física. Cito, entre outras obras, e sem ter a pretensão de exaustividade, além da habitual parte de leão da lógica (como os *Problemata logica*, 1589, 1590, 1594), a física (*Physice completae speculum*, 1604), os temas de fronteira filosofia/teologia (*Miscellaneorum Theologicorum et Philosophicorum*, 1607, 1608), além da já referida “psicologia”, *Psychologia: hoc est, de hominis perfectione, animo, et in primis ortu hujus, commentationes ac disputationes quorundam theologorum & philosophorum nostrae aetatis* (Marpurgi, Egenolphus, 1590, 1594, 1597). Como se verifica, a publicação de todos estes títulos precede temporalmente a dos léxicos, pelo que não será despropositado ver-se, nestes últimos, um trabalho de maturidade e, sobretudo, de síntese.

Conquanto de grada importância, não será, no entanto, pela perspetiva da ontologia, nem sequer pelo pensamento filosófico do professor alemão que vai avançar este contributo preliminar para um futuro estudo comparativo de amplo fôlego. Numa perspetiva mais ampla ou alargada, afigura-se-nos que Goclénio é um caso estupendo para se estudarem eventuais paralelismos, diferendos e inter-relações entre as escolásticas católica e reformada e a recepção da primeira pela segunda, conforme se poderia dizer ainda mais acertadamente. Considere-se, ao nível das práticas materiais, por exemplo, a apre-

---

<sup>16</sup> Cf. Francesco Marrone, “Sullo Scotismo di Èta Moderna. La voce res del Lexicon philosophicum di Rudolph Göckel», in *L'io, il mondo, la storia. Studi in onore di Costantino Esposito*, a cura di Paolo Ponzio, Francesco Marrone, Giacomo Fronzi e Antonio Lombardi (Milano-Udine: Mimesis Edizioni, 2025), 251-267. Para uma referência, ainda que breve, da presença de Fonseca entre os escotistas católicos, vd. D. Heider, “Fonseca’s Halfway Reductionism of Internal Senses in Light of Mastri and Belluto’s Critique” e S. Guidi, “Fonseca on Substance, Subsistence, and Supposit”, ambos os estudos publicados em *Pedro da Fonseca. Humanism and Metaphysics*, edited by Simone Guidi, Mário S. de Carvalho (Turnhout: Brepols, 2023), 87-103 e 193-223 respetivamente; complementarmente, M. S. de Carvalho, “Presenças franciscanas no ‘Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Para uma cartografia do escotismo português moderno” *Itinerarium* 62: 215-216 (2016), 485-497.

<sup>17</sup> Cf. M. S. de Carvalho, *Dicionário do Curso Filosófico Conimbricense* (Coimbra: Palimage, 2020).

ciável intervenção e labor docente do autor do *Lexicon* tão bem evidenciado nas dezenas de orientações de teses e intervenções em júris, reveladoras de uma flagrante afinidade com o costume das escolas lusitanas, mormente no registo do que aqui (tal como na Alemanha) se chamavam “theses”.<sup>18</sup> Por ora, qualquer eventual sucesso do comparativismo não se pode quedar na metodologia, aliás geo-culturalmente disseminada, pois a afinidade acabada de mencionar não é nem a mais importante, nem a que irá ser privilegiada neste inquérito.

Por falta de espaço e de tempo, o presente trabalho terá de se confinar a fronteiras razoáveis. Assim e modestamente, este singelo inquérito pretenderá apenas contribuir para um urgente estudo por vir em torno da receção de uma escola filosófica católica – a coimbrã, no caso<sup>19</sup> – por parte de tão notável professor de Marburgo. Dito de uma maneira ainda mais clara: em vez de se estender o exame dessa receção a toda a produção de Goclénio, tarefa ainda não concluída, mas que ocuparia muito tempo, exigiria outro local e, decerto, outro operário, este contributo incidirá numa só obra gocleniana, quiçá a mais conhecida – o *Lexicon Philosophicum*, relembro – na esperança de que se reabram mais portas a profícuas investigações. Ambiciona-se

---

<sup>18</sup> J Pereira Gomes, “Teses de Filosofia”, *Revista Portuguesa de Filosofia* 5 (1949), 423-431. Valeria a pena abrir-se um estudo comparativo entre esta metodologia lusitana e a sua congénere marburguesa; na impossibilidade de citar as inúmeras teses orientadas por Goclénio, deixo a seguir uma lista variada meramente alusiva: *Disputatio Scholastica de Abstracto et Concreto & hac maxime controversa quaestione An Essentiales tō lōgo Dei proprietates, realiter Humanae a Christo assumptae naturae in sese sint Communicatae / Cuius theses cum Additamentis nonnullis de Coena Domini ... Sub Praesidio ... Dn. Rodolphi Goclenii ... Publice Examinandas & discutiendas proponit in auditorio Philosophico Academiae Marpurgensis. Bernhardus Matthaeus ...* (Marpurgi Cattorum: Hutwelckerus, 1607); *Theses Disputationis Epistemonicae, De Medio Concludendi Theorema Et Problemata Theologica: de harmonia veritatis Theologicae & Philosophicae: de ratione disputandi Theologorum inter seserum annexis quibusdam corollariis utilissimis / Quas ... Sub Praesidio ... Dn. M. Rodolphi Goclenii Senioris ... Publicae examinandas proponit Andreas Widmarius Andreae Filius, Bremensis* (Marpurgi Cattorum: Hutwelckerus, 1609); *Disputatio ... continens summam controversiae et colloquii inter D. Lutherum et D. Zwinglium: ... Marpurgi in arce principali habiti ; de cuius veritate ... / direttore et praeside ... Rodolpho Goclenio ... respondente Christophoro Breitingero* (Marpurgi Cattorum: Hutwelcker, 1610); *Disputatio ... politico-theologica de universo magistratus politici officio / quam ... praeside ... Rodolpho Goclenio ... examinandam proponit Johannes Henslerus* (Marpurgi Cattorum: Hutwelcker, 1610); *Controversiae Philosophicae Quarum Veritatem ... Praeside ... Dn. M. Rodolpho Goclenio Logices & Matheseōs in Hassorum Academia Professoris ordinario pro virili tueri conabitur Georgivs Hartervs Marpurgensis* (Marpurgi: Kaspar Scheffer, 1600).

<sup>19</sup> Cf. M. S. de Carvalho, “Uma ‘escola filosófica de Coimbra’? História, tendências e problemas”, *Revista Filosófica de Coimbra* 32 (2023), 255-275.

reforçar uma linha de pesquisa no âmbito da história (e da geografia<sup>20</sup>) da filosofia cujas conclusões se enumerarão no final deste inquérito preliminar. Creio poder, no entanto, sugerir que uma conclusão principal pode dizer respeito ao papel transmissor do *Lexicon* na entrada de pelo menos uma importante noção de Pedro da Fonseca, a de espaço e tempo absolutos, de que me ocupei noutra ocasião.<sup>21</sup>

Quinze anos antes da sua morte, Goclénio publica, então, o célebre *Lexicon Philosophicum*, atividade em língua latina e, naturalmente, sobre terminologia latina. Esta linha editorial foi continuada, apenas dois anos volvidos, por tarefa idêntica para o vocabulário filosófico grego (*Lexicon Graecum*), acompanhada de um apêndice ao léxico latino, intitulado *Vocum Et Phrasium Quarundam Obsoletarum minus Vsu Receptarum*. Além de algum carácter enciclopédico, quejandas intervenções de Goclénio no estabelecimento da terminologia filosófica não podiam deixar de representar um veio transmissor de ideias. Numa região e num contexto europeu religioso em que as línguas nacionais passavam paulatinamente a imperar e a substituir o latim nas escolas superiores, um léxico filosófico do idioma que até então tinha sido a primeira voz herdada “dos que primeiro filosofaram” alcançava-se a ficar inscrito como labor valioso e a sua fatura a atingir uma expressão académica relevantíssima.

Como não podia deixar de ser, Goclénio escreveu também na sua língua materna, o alemão. Tocando nas línguas nacionais, o que, como se sabe, acabará por fazer surgir os chamados “intraduzíveis”,<sup>22</sup> dever-se-ia, ao menos, recordar, para a nossa situação, o nome de Raphael Bluteau, embora mais

---

<sup>20</sup> Cf. M. S. de Carvalho, “De Coimbra a Pequim: história e geografia do aristotelismo conimbricense”, in Carlota Miranda Urbano & Margarida Miranda (coord.), *Textos Fundamentais da Companhia de Jesus: Pedagogia e historiografia* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2024), 93-115; M. S. de Carvalho, “Acidentais ocidentes e a surdez de Aristóteles. Para uma geografia da Filosofia”, *Biblos* n. s. 2 (2004), 189-218; “Philosophy at the Geopolitical Service of Mission: Coimbra Jesuits’ “Wirkungsgeographie” (1542-1730)”, in Cristiano Casalini, Emanuele Colombo, and Seth Meehan (eds.), *Engaging Sources: The Tradition and Future of Collecting History in the Society of Jesus* (Proceedings of the Symposium held at Boston College, June 11–13, 2019), Institute of Jesuit Sources, Published: April, 20, 2021 <https://doi.org/10.51238/ISJS.2019.25>

<sup>21</sup> Cf. M. S. de Carvalho, “Exposição metafísica do Espaço-tempo imaginários em Pedro da Fonseca e Manuel de Góis”, *Revista Filosófica de Coimbra* 29 (2020), 131-146.

<sup>22</sup> Cf. *Vocabulaire européen des philosophies: Le dictionnaire des intraduisibles*, sous la direction de Barbara Cassin (Paris : Seuil, 2004); sobre esta obra vd. a recensão de Marisa das Neves Henriques, “*Vocabulaire européen des philosophies: Le dictionnaire des intraduisibles* de Barbara Cassin – Nótulas sobre o contributo português”, *Revista Filosófica de Coimbra* 19 (2010), 489-496.

tardio e menos especializado ou explicitamente enciclopédico,<sup>23</sup> ou (e sem sermos exaustivo), para a língua francesa, o nome de Pierre Bayle, este em razão do acolhimento que também deu a Coimbra.<sup>24</sup> Seja como for, dada a valia do *Lexicon*, a sua extensão, clara utilidade e a força do lobby editorial que o deu ao prelo, tal labor material não podia deixar de se tornar um livro de cabeceira definidor de um cânone e economia para o estabelecimento da “autoridade”. Acresce que, por isso mesmo, o *Lexicon* erguia-se como um sensível veículo de transmissão da filosofia mais antiga (medieval, humanista e ante moderna) à vulgarmente denominada modernidade filosófica.

De “economia”, escrevi, pensando no modo como a filosofia de um Descartes ou de um Hume se reveem em procedimentos simplificadores e em como, precisamente, ao género literário dicionarista cabia ser um excelente veículo para as novas configurações da conhecida navalha de Ockham. Tal como também o mostrou G. Giglioni,<sup>25</sup> estamos perante um objeto filosófico-historiográfico que vale a pena perseguir com vagar e cada vez mais atenção. Leibniz, por exemplo, havia citado o *Lexicon Philosophicum*, na correspondência mantida com Clarke, a respeito do vocábulo “sensorium”.<sup>26</sup> Não sendo, o leibniziano, caso singular, a dependência comprova como o famoso trabalho lexical de Goclénio se tornou de facto um dicionário padrão para todo o período da primeira modernidade filosófica (a chamada “early modern philosophy”, na terminologia anglo-saxónica). É justo começar a reparar-se como, ao menos numa dada parte, Coimbra tem o seu lugar neste devir e, por isso mesmo, uma participação que não convém ignorar ou desprezar.

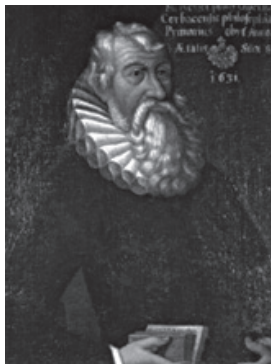
---

<sup>23</sup> Cf. Raphael Bluteau, *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos* (Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728). Lembro que Bluteau cita entre os dicionaristas que o precederam os nomes de Agostinho Barbosa, Bento Pereira, Mauro de Reboredo, Pedro de Poiares e Tomás da Luz.

<sup>24</sup> Cf. M.S. de Carvalho, “Pierre Bayle et la critique d’Averroès à Coimbra. Deux épisodes de l’histoire de la réception d’Averroès”, *Revista Filosófica de Coimbra* 22 (2013), 417-432.

<sup>25</sup> Guido Giglioni, “What’s Wrong with Doing History of Renaissance Philosophy? Rudolph Goclenius and the Canon of Early Modern Philosophy”, in: C. Muratori, G. Paganini (eds), *Early Modern Philosophers and the Renaissance Legacy* (Cham: Springer, 2016), 21-39; [https://doi.org/10.1007/978-3-319-32604-7\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-319-32604-7_2)

<sup>26</sup> Cf. Ezio Vailati, “Souther Illinois University Edwardsville: <https://www.siu.edu/~evailat/lz-cl.html> [acedido maio 2025]; cf. E. Vailati, *Leibniz and Clarke: A Study of Their Correspondence* (Oxford: Oxford University Press, 1997).



**Figura 1.** Rudolfo Glocénio

([https://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolph\\_Göckel\\_der\\_Ältere#/media/Ficheiro:Rudolf\\_Goclenius\\_der\\_Ältere.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolph_Göckel_der_Ältere#/media/Ficheiro:Rudolf_Goclenius_der_Ältere.jpg))

## 2. ... a Coimbra

Não é este o lugar para insistir na importância filosófica de Coimbra no período de Quinhentos, sobretudo a Jesuíta (e mais concretamente ainda a de Pedro da Fonseca e a do denominado *Curso Jesuíta Conimbricense*).<sup>27</sup> Entretanto, todo aquele que se interessar pela recepção das iniciativas editoriais coimbrãs deve atentar nas duas publicações de Goclénio no campo lexicográfico, embora privilegiando o *Lexicon Philosophicum* em face do *Lexicon Graecum*. Ao evidenciar-se a amplitude e o âmbito filosófico-teológico da penetração da terminologia na quota-parte em que o filósofo e dicionarista alemão a faz remontar a Coimbra, de uma maneira ou de outra, forçamo-nos a re-situar a produção da “escola de Coimbra” na história da filosofia ocidental. Não é a primeira vez que tal é estudado, sobretudo para o caso de Pedro da Fonseca (1528-1599),<sup>28</sup> decerto o coimbrão mais bem

<sup>27</sup> Veja-se a [Conimbricenses.org](http://Conimbricenses.org)

<sup>28</sup> A influência do *Comentário à Metafísica* de Fonseca nas universidades jesuítas, católicas, luteranas e calvinistas europeias ainda não foi pesquisada e o mesmo se aplica ao estudo da divulgação do comentário sobre a *Metafísica* de Fonseca pelas bibliotecas escolares do Novo Mundo. Petrus Bacher (Bakker) e Valentin Eisenhart, da Universidade de Dillingen, são dois dos nomes que atestam a presença da *Metafísica* de Fonseca na Alemanha, por exemplo, vd. Ulrich D. Leinsle, *Dilinganae Disputationes. Der Lehrinhalt der gedruckten Disputationen an der Philosophischen Fakultät der Universitaät Dillingen 1555-1648* (Regensburg: Schnell und Steiner 2006), 559, e Leinsle, “Species, entitates habituales, or intellectio? Ontological Commitments in Early Jesuit Cognitive Psychology”, in D. Heider (ed.), *Cognitive Psychology in Early Jesuit Scholasticism* (Neunkirchen-

conhecido além-fronteiras. Simplesmente, Goclénio não se atém com exclusividade ao autor dos impressionantes comentários ao *Organon* e à *Metafísica* – apesar das referências a Fonseca no *Lexicon* ocuparem 70 % da dos restantes companheiros<sup>29</sup> – igualmente comparecendo como conhecedor do reputado *Curso Jesuíta Conimbricense* (1593-1608), isto é, do “Collegium Conimbricensis”, como por vezes Goclénio o denomina no seu vocabulário ou ainda, por uma vez só embora, da “Companhia em Coimbra” (*Societas Conimbricensi*).<sup>30</sup> Uma vez que a erudição e a exaustividade do dicionarista alemão é vastíssima, não há nada de particular na atenção por ele prestada aos filósofos jesuítas portugueses ou com atividade filosófica no nosso país, salvo o facto de, além de Francisco Suárez (1548-1617) e Luis de Molina (1535-1600),<sup>31</sup> o *Lexicon* mencionar um outro inaciano, Manuel Álvares (1526-1583),<sup>32</sup> e mais nenhum autor que tenha passado por Portugal ou aqui ensinado. É curioso, por exemplo, verificar-se como Évora ou Lisboa parecem ser “terrae incognitae” na Marburgo de Goclénio. É como se a entrada dessa particular produção coimbrã na esfera de Gutenberg tivesse apagado as demais, ou pelo menos dispensado a sua consulta pela equipa de Goclénio ocupada na feitura do *Lexicon*, o que é, evidentemente, um erro de paralaxe. O grau de um tal “erro” é patente, no caso da produção jesuíta – saliento, como título expressivo, algum interesse crescente, nos nossos dias, em relação a Baltasar Teles, por exemplo – mas até ao surgimento do Oratório (*et pour cause*) parece que a Companhia de Jesus domina a geografia editorial numa extensão que, inexplicavelmente, não só ainda não foi percebida como é grandemente injusta para com obras coevas saídas do prelo oriundas de outras casas religiosas. Enfim, e voltando aos inacianos, as várias referências que Goclénio faz a Suárez são, naturalmente, previsíveis – uma vez mais não causa estranheza que Heidegger quase restringisse a história da metafísica ao papel deste portento ibérico – mas, embora em menor número, o acolhimento de Molina justificar-se-ia sobejamente, não se desse o caso

---

-Seelscheid: editiones scholasticae, 2016), 175); veja-se, depois, Ernst Lewalter, *Spanisch-jesuitische und deutsch-lutherische Metaphysik des 17. Jahrhunderts: Ein Beitrag zur Geschichte der iberisch-deutschen Kulturbeziehungen und zur Vorgeschichte des deutschen Idealismus*. (Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1935); Max Wundt, *Die Deutsche Schulmetaphysik des 17. Jahrhunderts* (Tübingen: Heidelberger Abhandlungen zur Philosophie und ihrer Geschichte, Bd. 29, 1939), passim; Lamanna, *La nascita*, 145-166; Allan Bäck, *On Reduplication Logical Theories of Qualification*. Leiden. New York: Köln: E.J Brill, 1996 (Fonseca, 362; Goclénio, 363).

<sup>29</sup> O presente inquirido não pretendeu ser exaustivo e, no total, ative-me a 66 referências de Goclénio a Fonseca e ao Colégio Conimbricense.

<sup>30</sup> Cf. Goclenius, *Lexicon*, 1085b.

<sup>31</sup> Cf. Goclenius, *Lexicon*, 1014b.

<sup>32</sup> Cf. Goclenius, *Vocum*, 329b.

de as suas doutrinas teológicas soarem a “pelagianismo” aos ouvidos de um reformador, também. Não menos significativa seria aqui deixarmos a nótula de que a *Gramática* de Álvares, autor acima referido, conheceu pelo menos 53 edições no século XVI (algumas destas produzidas em cidades alemãs) e ainda mais 14 até ao ano de 1613 (algumas destas últimas saídas dos prelos de Dillingen, Münster, Estrasburgo, Colónia e Überlingen).<sup>33</sup>

Entre autores antigos, gregos e latinos, ou entre os muito nomes de filósofos medievais, provenientes de várias escolas filosóficas e religiosas, datáveis dos séculos mais diversos, a atenção prestada aos contemporâneos poderia representar um sinal da preocupação de Goclénio pela atualização. Parece ser óbvio que concitar Fonseca e o *Curso Jesuíta Conimbricense* – exclusiva e designadamente, Manuel de Góis (1543-1597), Sebastião do Couto (c.1567-1639) e Baltasar Álvares (1560-1630),<sup>34</sup> como se terá ocasião de ver – não pode deixar de constituir uma marca dessa preocupação, embora as referências ultrapassem em muito um mero tique de atualidade e assumam, algumas vezes, um carácter autoritário ou polémico, de que o autor do *Lexicon* também se distancia. Em bom rigor, o seu saber histórico-filosófico é impressionante, repito, mas a releitura de Aristóteles na primeira escola protestante insistia particularmente no recurso à mais recente literatura peripatética, motivo pelo qual no livro IIº de um curso elementar de filosofia peripatética (*Prodromus philosophiae peripateticae*) publicado em 1626, em Bratislava, o autor coloca Jacopo Zabarella e o Colégio Conimbricense entre essa moderna literatura.<sup>35</sup> Curiosamente, também alguns verbetes de Goclénio, mesmo entre os a seguir colacionados, associam estes dois filões católicos, oriundos um de Pádua, o outro de Coimbra. Enfim, como mostrou Lamanna, agora num lugar-comum historiográfico, os teólogos contemporâneos de Goclénio e do período imediatamente anterior viram nos jesuítas Benet Perera (1536-1610), Fonseca e Suárez o triângulo decisivo para a formação da primeira metafísica protestante.<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup> Cf. *Bibliografia Geral Portuguesa*. Vol. III: Século XVI (Lisboa: IN-CM, 1983), xix, 207-242; vd. Maria Margarida Lopes Miranda, “Manuel Álvares”, *Conimbricenses.org Encyclopedia*, Mário Santiago de Carvalho, Simone Guidi (eds.), doi = “10.5281/zenodo.2643499”, URL = “<https://www.conimbricenses.org/encyclopedia/alvares-manuel/>”, latest revision: April, 17th, 2019.

<sup>34</sup> Sobre as três figuras acima referidas, vd. Carvalho, *Conimbricenses.org* s.v.

<sup>35</sup> *Prodromus philosophiae peripateticae, duce & autore Aristotele constitutae*, emissus a Michaelae Coelio Wratislaviæ in Neopoli ludi literarij. p.t. Moderatore. Anno Christi. 1626; cf. Joseph S. Freedman, “Aristotle and the Content of Philosophy Instruction at Central European Schools and Universities during the Reformation Era (1500-1650)”, *Proceedings of the American Philosophical Society* 137: 2 (1993), 251. Vd. nota 5, acima, sobre o parecer de Gass.

<sup>36</sup> Lamanna, *La nascita*, 106-107 que sublinha as três linhas eventualmente oferecidas pelos jesuítas a luteranos e calvinistas, a saber: i) ao nível dos instrumentos conceituais e

Importa, pois, franquear portas e começar a indagar-se como Goclénio lê os denominados Conimbricenses e Fonseca, o que deles aproveita ou rejeita, em que medida e em que tópicos. Não será exagerado afirmar-se que a produção filosófica da “Coimbra brand”, como um dia escreveu não sem acerto Cristiano Casalini, era vista como digna de ser transmitida aos alunos da universidade do Landgrave Filipe de Hesse, o Magnânimo, e decerto dali passando aos demais curiosos leitores europeus, sobretudo luteranos e calvinistas. Importa, ainda, deixar sublinhado que o *Lexicon* não é o único lugar em que Goclénio dialoga ou admite a importância de, v.g. o “Colégio Conimbricense”. Ressalto, entre outros lugares mais, a referência feita à escola de Coimbra no *Conciliator philosophicus*,<sup>37</sup> publicado quase contemporaneamente à lógica de Couto. “Recte et sapienter pronuntiat” (*pronuncia-se correta e sabiamente*), enfatiza e reconhece, por vezes, o teólogo reformado acerca de um ou outro ensinamento proveniente da capital escolar dos nossos jesuítas, designadamente, citando, *pari passu*, a *Ethica* (VII q.2, a. 1), ou parafraseando e louvando a doutrina do *De anima* (II c. 6, q. 2, a. 1).

### 3. Coimbra em Marburgo

Isto dito, uma impressão salta imediatamente à vista dos leitores do *Lexicon*, a saber, o facto de, para um destacado ontólogo como foi Goclénio, as autoridades conimbricenses parecerem cair predominantemente sob a alçada da filosofia natural ou da física. Como tive a oportunidade de deixar escrito em várias outras ocasiões, se uma tal predominância pode fazer sentido, sobretudo no caso de Manuel de Góis, ela desmerece do gabarito de um Pedro da Fonseca.<sup>38</sup> Nenhum dos vocábulos que Lamanna elencou entre os casos de codificação ontológica suscitam qualquer relação com Fonseca, Góis, Couto ou Baltasar. O facto talvez tenha uma justificação imediata, apesar de não ser totalmente convincente.<sup>39</sup> Em 1598, ano em que a *Isagoge in primam philosophiam* gocleniana vê o prelo, só o primeiro volume do *Curso Jesuíta Conimbricense* acabava de sair da imprensa de

---

terminológicos adequados à teologia; ii) enquanto acesso à metafísica, no seu conjunto; iii) eventuais respostas às exigências de sistematização do saber.

<sup>37</sup> Cf. Goclenius, *Conciliator Philosophicus* (Cassellis: ex officina typographica Mauritaniana, 1609), 23 (de uno per se phisice intelligenda), 165 (contraria).

<sup>38</sup> Cf. M.S. de Carvalho, “Pedro da Fonseca: Between Humanism and Scholasticism”, in Mauro Mantovani & Rafael Ramis-Barceló (editores), *Escolástica y Humanismo Renacentista* (Madrid: Editorial Sínderesis, 2025), 215-235.

<sup>39</sup> Para a vida e obra de Fonseca, vd. Carvalho, Mário Santiago de, “Fonseca, Pedro da”, *Conimbricenses.org Encyclopedia*, Mário Santiago de Carvalho e Simone Guidi (eds.), doi = “10.5281/zenodo.2563270”, URL = “https://www.conimbricenses.org/encyclopedia/fonseca-pedro-da”, latest revision: January, 29th, 2020

Coimbra. Uma vez que o *Lexicon* tem data posterior à publicação do grosso da obra metafísica de Fonseca (1577, 1589, 1604) e à da totalidade do *Curso Jesuíta Conimbricense* (1598-1606), conquanto este último apenas num espaço máximo de quinze anos, Goclénio confina-se explicitamente a oito termos a partir das lógicas de Couto e de Fonseca. São os casos dos verbetes “De Actu signato et exercito ex aliis Scholasticis”,<sup>40</sup> “Determinatio ad unum”,<sup>41</sup> “A parte rei”<sup>42</sup> e “Connotans/Connotativum”,<sup>43</sup> para o volume de Couto (*In dialecticam*); e os casos das entradas “Absolute universale”,<sup>44</sup> “Proprium/Proprietas, ‘Idiotes’”,<sup>45</sup> “Praeiacens/Canon”<sup>46</sup> e “Modificatum”,<sup>47</sup> para o de Fonseca (*Institutiones*), apesar de mais para o fim termos de voltar a este assunto. Esta explicação para um aparente deficit da terminologia ontológica não parece consistente, não só porque alguns títulos mais de Góis são igualmente citados, como sobretudo – e terei oportunidade de sublinhá-lo – Goclénio mostra ter lido com alguma atenção os tomos mais recentes de Fonseca.

Optar entre fontes era inevitável e mais do que indicativo, para nós, hoje em dia, ao abalançar-se, alguém, ao designio de compor um instrumento lexical. De passagem, lembro que foi recorrendo ao *Thesaurus linguae Latinae* e ao *Lexicon totius latinitatis* de Forcellini, que também um nosso contemporâneo, René Hoven, estabeleceu o seu trabalho lexical,<sup>48</sup> tal como J. Ramminger, ex-administrador do sítio internacional *Neulateinische Wortliste 1300-1700*, com mais de cinco mil lemas, no agora *Johann Ramminger Neulateinische Wortliste. Ein Wörterbuch des Lateinischen von*

<sup>40</sup> Cf. Goclenius, *Lexicon*, 53 (alias 55b).

<sup>41</sup> Cf. Goclenius, *Lexicon*, 524b.

<sup>42</sup> Cf. Goclenius, *Lexicon*, 4b.

<sup>43</sup> Goclenius, *Lexicon*, 446 a: “Denotare Coll. Conimbr. usurpat ita, ut opponat ei, quod est formaliter significare, ut cum dicit: Signum est nomen connotativum formaliter vindicans vim significandi et denotans rem significantem.”

<sup>44</sup> Cf. Goclenius, *Lexicon*, 12a.

<sup>45</sup> Goclenius, *Lexicon*, 892b: “Fons in Inst Log. Locum proprietatis revocat ad locum descriptionis: Hae ex propriis principiis demonstrantur.”

<sup>46</sup> Goclenius, *Lexicon*, 851b-852 a: “‘Canon Fonsecae et aliorum Scholasticorum Dialecticorum’ (...) Canon Fonsecae intelligendus de enuntiatione condicionali necessaria absolute. Si condicionalis necessaria est Simpliciter, eodem quoque modo necessaria est simplex enuntiatio, in qua illius veritas fundata est.”

<sup>47</sup> Goclenius, *Lexicon*, 706b: “Vide Fonseca l. 3 Dialect. c 9 ubi hanc Enuntiatio, Socrates est Grammaticus, est contingens, vocat enunciationem in actu signato. Illam vero, Socratem esse Grammaticum, est contingens, enunciationem in actu exercito, quod est obscurum.”

<sup>48</sup> R. Hoven, *Lexique de la prose latine de la Renaissance/Dictionary of Renaissance Latin from prose sources*, Deuxième édition revue et considérablement augmentée /Second, revised, and significantly expanded edition. Avec la collaboration de /Assisted by Laurent Grailet, Traduction anglaise par /English translation by Coen Maas Revue par / Revised by Karin Renard-Jadoul (Leiden-Boston: Brill, 2006).

*Petrarca bis 1700 & Lemmatarium Neolatinum*, parece ainda desconhecer os nossos autores.<sup>49</sup> Servindo-se da importante noção que Góis estabelece para “signo”,<sup>50</sup> Goclénio recolhe a distinção conimbricense entre significação denotativa e significação conotativa. No caso respeitante a Fonseca, s.v. “Modificatum”, cuja obscuridade o professor alemão denuncia, estamos perante a doutrina dos géneros e fórmulas de enunciações modais e da dificuldade manifestada por Goclénio em entender uma descrição modal, contingente, em ato exercido (*actu exercito*), confrontada com a mesma descrição em ato significado (*acto signato*). Se, s.v. “Connotans/Connotativum”, Goclénio não cita a referência coimbrã em causa (deve tratar-se de um passo do capítulo 1 do *De Interpretatione* q. 2, a. 3, s. 2, p. 21 da editio princeps), fá-lo, contudo, a respeito das *Instituições Dialéticas* III 9 (p. 159 da edição portuguesa comum<sup>51</sup>). Finalmente, a distinção modal *actu exercito/signato*, sob o ponto de vista da sua aplicação pelos vários escolásticos (*De actu signato et exercito ex aliis scholasticis/Vsus*), havia comparecido, antes, no verbebo homónimo, que remete para um passo do comentário às *Categorias* por Couto, também por mim, agora, pela primeira vez, devidamente identificado (c. 5, q. 1, a. 1, p. 287-88 da editio princeps).<sup>52</sup>

Por várias vezes adiante se verá que Goclénio é particularmente generoso e preciso na indicação das suas fontes coimbrãs, embora este seu procedimento não se confine confine, bem entendido, à nossa geocultura. Além de quatro referências explícitas às *Instituições Dialéticas*, três verbetes mais citam esta obra pioneira de Fonseca; numa situação, ao lado dos *Análíticos* de Zabarella, s.v. “Per se” (II c. 1),<sup>53</sup> nas outras, s.v. “Absolutum” (I c. 24),<sup>54</sup> e mesmo o suprarreferido verbebo “Modificatum” remete para o IIIº livro (c. 9). Apesar das maneiras diferentes como Goclénio (ou a sua equipa edi-

<sup>49</sup> Cf. J. Ramming, *Neulateinische Wortliste. Eine Wörterbuch des Lateinischen von Petrarca bis 1700 & Lemmatarium Neolatinum*: [http://nlw.renaessancestudier.org/neulateinische\\_wortliste.htm](http://nlw.renaessancestudier.org/neulateinische_wortliste.htm) (acedido em setembro de 2025).

<sup>50</sup> Cf. Hélène Leblanc, *Théories sémiotiques a l'Âge classique* (Paris: Vrin, 2021).

<sup>51</sup> Cf. Pedro da Fonseca. *Instituições Dialéticas/Institutionum Dialecticarum Libro Octo*. Introd., estabelecimento do texto, trad. e notas de J. F. Gomes (Coimbra: Universidade de Coimbra, 1964).

<sup>52</sup> Goclenius, *Lexicon*, 53 (alias 55b): “Sic collegium Conimbric. Naturae communes non sunt supposita seu subsistentia in actu exercito. Non enim existunt absque omni prorsus dependentia et incommunicabilitate: At in actu signato prius subsistent, quam individua cap 5 de Substant. quaest 1 art 1.”

<sup>53</sup> Goclenius, *Lexicon*, 810 a: “Alii ita loquuntur: Album non subiicitur per se dulci, sed significat aliud quiddam tertium, quod utrique subiicitur, ut Lac. Vid. Zab. l. 1 Post. anal. c. 18 cont. 148. Et Fonsec in Inst. Log. l. 2 c. 1.”

<sup>54</sup> Goclenius, *Lexicon*, 10b: “Sic conotativa sunt Pater, Dominus, Praeceptor. Fonseca vide lib. 1 Institut. Dialectic. c. 24. ‘Nomen enim relativum connotat secundum rem absolutam’: ut Filius substantiam.”

torial, posto que é conjeturável que um trabalho deste jaez só pudesse ser devidamente levado a cabo por uma equipa editorial, como era norma nas escolas mais eminentes), citam um mesmo título de Coimbra – alguma falta de uniformidade é típica nos textos da época – o leitor pode, se assim o quiser, verificar por si próprio o rigor das referências feitas a mais de dois mil duzentos e cinquenta quilómetros de distância; eis o que este inquérito conseguiu rastrear com absoluta certeza: II 1 (p. 95 da ed. portuguesa), I 24 (p. 70 idem) e III 9 (p. 158 idem). Graças a este rigor e precisão germânicos, pode afirmar-se com toda a segurança que I 24 remete para a doutrina dos “nomes conotativo e absoluto”; II 1, para o que Fonseca chama “predicação além da natureza ou por acidente”; e, por fim, III 9 para “os géneros e as fórmulas de enunciações modais”.

Continuando com as obras de Fonseca, mas passando agora das *Instituições Dialéticas* para o *Comentário à Metafísica de Aristóteles*, a multiplicação de referências textuais e citações literais é ainda mais impressionante e até surpreendente. O procedimento de Goclénio facilita o trabalho de identificar as fontes, uma ou outra vez com surpresa e de forma amigável, como agora soe dizer-se.

Eis um rápido levantamento das trinta e duas ocorrências explícitas (e só destas últimas). Do tomo I, publicado em 1577, contabilizei quatro passos dos dois primeiros capítulos do livro Alfa (I), dois do livro Gama (IV) e um capítulo só, nos casos de Alfa elatton (II) e de Beta (III). Em relação ao subsequente tomo saído do prelo em 1589, e como se terá oportunidade de ver com mais detalhe a seguir, Goclénio revela-se um leitor não desatento do comentário de Fonseca ao livro Delta (V), dele citando pelo menos vinte passos diferentes provenientes dos capítulos 2, 4, 5, 7, 8, 11, 13, 15 e 28.<sup>55</sup> Mais significativo ainda é o facto de Goclénio ter compulsado o tomo III do mesmo *Comentário*, publicado apenas nove anos antes de o *Lexicon* ter sido dado ao prelo. O grau de atualização é indiscutível, invejável mesmo. Dois livros deste tomo também são objeto de referências precisas: do livro Eta (VIII) citam-se os capítulos 3 e 8 – s.v. “Intendere per se” e “Videtur”,<sup>56</sup> respetivamente –, enquanto do livro Êpsilon (VI) o verbete “Primum” cita alegadamente o capítulo 1, q. 2, s. 1, a “Opinio eorum qui dicunt esse [scientiam] simplicem qualitatem”. O que pode ligar estes dois passos de Êpsilon é, na verdade, o verbete “Primum”, no caso do capítulo 11 citando a explicação da coluna 614 da mais acessível edição de Colónia que venho, por isso, compulsando.<sup>57</sup> Do livro Eta, há outra referência muito precisa às páginas

<sup>55</sup> O capítulo 13 do livro Delta é citado, embora sem indicação explícita detalhada, cf. Goclenius, *Lexicon*, s.v. “Sonus/Spatio”.

<sup>56</sup> Goclenius, *Lexicon*, 319 a: “Prior significativo saepe occurrit in disciplina Practica. Fonseca 8 Metaph. 4. 88 [sic]. Omnis substantia videtur hoc aliquid significare, id est individuum.”

<sup>57</sup> Goclenius, *Lexicon*, 862a-b: “Quando aliquid est Primum negative, si detur aliquid aliud, cuius respectu sit primum, iam erit primum positive, respectu illius ac perinde prius

do volume ao dispor da equipa de Goclénio (VIII c. 3, q. 1, s. 2, p. 47). Este grau de pormenor, que, veremos, não é único, poder-nos-ia auxiliar na verificação da edição – ou das edições – do *Comentário* de Fonseca disponíveis em Marburgo. Por falta de tempo não o pude fazer, mas lembro que, embora de modo não exaustivo, Ferreira Gomes elencou dezasseis edições dos três tomos, anteriores a 1613.<sup>58</sup> Deixo algumas indicações para que alguém possa proceder a uma tal identificação. Relativamente ao tomo III, temos, como disse, apenas o caso de VIII c. 3, q. 1, s. 2, p. 47, s.v. “Intendi per se”.<sup>59</sup> Em relação ao tomo I, apresentam-se-nos duas situações, uma para o capítulo 1 (p. 38), s.v. “Praeteritum”;<sup>60</sup> outra para o capítulo 2 (q. 3, s. 6, p. 147), s.v. “Cohaerentia”.<sup>61</sup> Acima de tudo – repito –, salta à vista a importância do tomo II, relativamente ao qual pude confirmar os seguintes quatro casos referentes ao livro V (c. 5, q. 2, p. 16; c. 4, q. 2, a. 2, s. 4, p. 204; c. 28, q. 4, p. 647; e p. 471, sem mais indicação, mas podendo ser nem mais nem menos do que a col. 752 da edição de Colónia), isto é, e respetivamente, pela ordem da paginação que Goclénio faz o favor de deixar grafado: s.v. “Sunt”,<sup>62</sup> “Quies Physica”,<sup>63</sup> “Repudium”<sup>64</sup> e “Duratio”.<sup>65</sup>

---

illo, quamadmodum primogenitus, qui ante secundum Filium est primus negative, nato secundo filio, incipit esse primus positive, ac proinde prior illo. Fonseca in *Metaph. Arist.* l. 6 c. 1 q. 2 s. 1.” Goclenius, *Lexicon*, 863a: “Fonseca in 5 Met. Ar. c. 11 explanatione distingui ex Philosopho descriptionibus ‘primum simpliciter’ definitum ‘a primo ad aliquid. Primo alicubi et Primo ab aliquibus.’”; ed. Colónia, col 614.

<sup>58</sup> Joaquim Ferreira Gomes, “Introdução, in Fonseca, *Instituições*, LI-LVIII.

<sup>59</sup> Goclenius, *Lexicon*, 251b: “Formam remitti nihil aliud est, quam aliquid intimae perfectionis amittere. Fonseca lib. 8 Metaphysic. cap. 3 quaest. 1 sect. 2 pag. 47.”

<sup>60</sup> Goclenius, *Lexicon*, 860a: “Fonsecae, qui hoc annotavit, huius Enallages causa videtur esse, quia ex observatione Praeteriti intelligitur quid de futuro omnique fere tempore iudicandum sit. 1 *Metaph.* c. 1 p. 38. Sic, Hoc illi ‘symbebeke’, accidit. *Arist.* l. 1. *Metaph.* c. 1.”

<sup>61</sup> Goclenius, *Lexicon*, 392b: “Cum vero Intellectus concipit singularia, per se opus est concursum phantasmatum. Cum enim species ‘noetas’ nullum singulare definite representent necesse est, ut singularium representatio suppleatur adminiculo phantasmatum, ut conceptuum formarum externarum seu exemplarium. Vid. *Fonsec.* in *Metaph. Arist.* l. 1 cap. 2 quaest. 3 sect. 6 p. 147.

<sup>62</sup> Goclenius, *Lexicon*, 1104b: “Sunt significat nexum, hyparxin, systasin, existentiam, effectiorem ... Nam definitione principiorum videtur Aristotelis complecti et constitutionis et generationis principia. Vid. *Fonsec.* in lib. 5 *Metaph.* c. 5 qu. 2 pag. 16.”

<sup>63</sup> Goclenius, *Lexicon*, 945 a-b: “Generatio momentanea, quae terminus et complementum est generationis proprie dictae, imo quies est ad quam rendit naturaliter generatio, nomine Quietis intelligenda est in definitione Aristotelica Naturae, iudice Fonseca in 5 *Metaphysic.* cap. quaest. 2 sect. 4 pag. 204.” Cf. Fonseca, *Commentarium*, col. 271.

<sup>64</sup> Goclenius, *Lexicon*, 983a: “Itaque Repugnantia Essendi in pluribus, quam dicitur negare aptitudo ad hunc actum, non est negatio aptitudinis ad illum (*Fons.* *Metaph.* l. 5 c. 28 q. 4 pag. 647) sed id cui repugnat, etc.”

<sup>65</sup> Goclenius, *Lexicon*, 562a-b: “Nihil momentaneum proprie durare dicitur, scilicet

Pode-se, apenas a título de exemplo, evidenciar o paralelismo entre leitor (Goclénio) e textos lidos (Góis e Fonseca, v.g.) ou o modo como aquele cita literalmente, por vezes, os textos coimbrões. Considerem-se apenas duas situações, entre muitas outras possíveis:

Góis, <i>Ethica</i>	Goclénio, <i>Lexicon</i>
79: Sub genere causae formalis, prout sese alteri tribuit ipsum actuando et perficiendo: quo pacto forma se materiae communicat; ad quem etiam modum pertinet ea communicatio, qua in mysterio incarnationis personalitas Filii humanitati assumptae diuinitus tributa est.	815a: Forma se materiae communicat eam <i>perficiendo</i> et ut Barbari loquuntur, <i>actuando</i> . Ad hunc modum <i>communicationis</i> reducitur ea, qua in <i>mysterio Incarnationis personalitas Filii Dei Humanitati assumptae diuinitus tributa est</i> . Vid. Colleg. Conimb. in disput. in <i>Ethic. Aristot.</i>

Fonseca, <i>Metaphysica</i>	Goclénio, <i>Lexicon</i>
695: ... multos esse qui putent idem esse trinam dimensionem, atque longitudinem, latitudinem et profunditatem, et cum linea dicatur esse unius dimensionis...	537b, 538b: Quod ad Trinum Dimensum attinet, <i>multi sunt</i> , inquit Fonseca, <i>qui putant idem esse trinam dimensionem atque longitudinem, latitudinem et profunditatem, et cum linea dicatur esse unius dimensionis...</i> Sed non ita res habet [...] ... Quare cum corpus dicitur longum, latum et profundum, seu quantitas continua longa, lata et profunda, aut vulgari et non philosophica (hoc est minus exquisita) ratione id accipiendum est, aut sic intelligendum, ut longum, latum et profundum usurpentur pro eo, quod est Trifariam dimensum seu habent trinam dimensionem. Hoc iudicium Fonsecae est in Comm. in 5 l. Phil. c. 13.

Regresso ao *Curso Jesuíta Conimbricense*. Aqui, além da lógica de Couto – concreta e exclusivamente, da *Isagoge*, das *Categorias* e d’*A Interpretação* –, deparamo-nos com os seguintes três títulos de Góis: *De Ani-*

---

Transiens. Continuo tempore mensurantur motus. Discreto tempore mentium mensurantur operationes sibi invicem succedentes, quae fiunt sine motu. Cur non continuo? Quia eiusmodi operationes seu actiones ‘e energieas’ non continuantur inter sese, ut faciant aliquam per se extensionem, sed succedunt sibi invicem absque continuatione, teste Fonseca 5. 1. Philosoph. (...) [Duratio Permanens Dependens/Defectibile] Ex se naturaliter. Instans seu momentum permanens. Thomae Aquí. Hoc tempus discretum constare ait Fons. 1 Phil. p. 471.”

ma, *De Generatione et Corruptione e Ethica*. O número das referências ao *De Generatione* ultrapassa pouco o das referências ao *De Anima*, mas da ausência de qualquer alusão à *Physica* poder-se-á presumir que este último inexistia na biblioteca de Marburgo ou no círculo de Goclénio? Ou, numa hipótese nada lisonjeira, nem para Góis, nem para Goclénio: que o título mais bem conseguido do jesuíta português era tido pelo marburguês como o menos representativo? Quiçá insignificante, apesar de o lugar da filosofia natural ser central, como comecei por dizer? Esta omissão flagrante poderá, decerto, ser explicada, mas a razão pela qual Goclénio cita, v.g. a *Ethica* e omite quaisquer referências à *Physica*, ao *De Caelo* ou aos *Meteororum* goesianos é, no mínimo, surpreendente, tanto mais que ele ensinou e escreveu sobre matérias astrofísicas e astronómicas; por outro lado, o volume que Góis escreveu sobre ética é, talvez, o menos significativo. Deve, no entanto, lembrar-se que, no interim, surgira o acontecimento Galileu, paradigma legítima, mas também compreensivelmente não desligado daqueles três títulos de Coimbra.<sup>66</sup>

Seja como for, foi possível rastrear duas citações do *De Anima*, uma s.v. “Influere”,<sup>67</sup> concitando um passo (c. 1, q. 7, a. 2) em que o comentador jesuíta critica o chamado “erro de Averróis”;<sup>68</sup> outro sobre a teoria da visão, “Disgregare visum”, assunto que foi objeto entre nós de uma tese académica.<sup>69</sup> Passando às únicas cinco referências ao *De Generatione*, a maior

---

<sup>66</sup> Cf. M. S. de Carvalho, “Reading Aristotle in Sixteenth-Century Conimbricense Philosophy. Nomadic Natural Philosophy and Theological Design”, in *L’io, il mondo, la storia. Studi in onore di Costantino Esposito*, a cura di Paolo Ponzio, Francesco Marrone, Giacomo Fronzi e Antonio Lombardi, (Milano-Udine: Mimesis Edizioni, 2025), 89-101.

<sup>67</sup> Goclenius, *Lexicon*, 239a : “Quamquam intellectio aliquo modo communis animae et corpori dari potest, quatenus intellectio non fit absque consortio animae et corporis, ac intellectio animae in corpore pendet a speciebus, quae sensuum comparantur ministerio et quatenus oportet intelligentem speculari phantasmata. Colleg. Conimb. 2 de anima, c. 1 quaest. 7 art. 2. Anima intellectiva in hoc vitae statu, omnem cognitionem haurit a sensibus et quoad usum etiam specierum saltem maiori ex parte dependet a corpore, quatenus oportet intelligentem speculari phantasmata. ”

<sup>68</sup> Cf. a respeito, M. S. de Carvalho, “Introdução à leitura do Comentário dos Jesuítas de Coimbra ao ‘De Anima’ de Aristóteles (mediante o estudo do tema monopsiquista)” in J.L.B. da Luz (org.), *Caminhos do Pensamento. Estudos em Homenagem ao Professor José Enes* (Lisboa: Edições Colibri Universidade dos Açores 2006), 507-532.

<sup>69</sup> Goclenius, *Lexicon*, 545b: “Disgregare visum est Dissipare spiritus visorios, qui ad pupillam a cerebro confluunt. Id praestat potissimum Lux interventu coloris, cuius parens est. Idem quo suo modo candor, qui ad lucem prope accedit. Colleg. Conimbr. in 2 de anima. Itaque definitur l. 10 Met. c. 10 Color disgregans visum.” Cf. M<sup>a</sup> da C. Camps, *Cor, Natureza e Conhecimento no Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense (1592-1606)* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016), 11-30.

parte delas ao livro I e uma só ao livro IV (s.v. “Existentia”<sup>70</sup>), podemos alvitrar o seguinte: do livro I, Goclénio remete para os capítulos 1 (conjetura minha), 4 (“Tergiversari”: q. 14), 5 (“Nutrimentum”), e 10 (“Mistio”: q. 1 a. 2). Citar, alguém, o capítulo 10 de *De Generatione* I para o estudo da noção de “mistura” é um sinal objetivo de se tratar de um competente leitor de Góis; lembro que o artigo 2 da questão 1 solucionava “os argumentos que tentavam retirar a mistura do meio”. O mesmo deve ser dito acerca de I 5, decerto um lugar adequado para o estudo do alimento ou da nutrição, matérias claramente pertencentes ao capítulo da chamada filosofia natural, pelo menos segundo o paradigma que o nosso Curso veiculava. Quanto ao capítulo 4, questão 14, onde Góis pergunta “se a geração dos seres humanos que supera a força da natureza é ou não uma geração em sentido próprio e unívoco”, é forçoso começar por lembrarmos os quatro tipos de geração evocados, caindo os três primeiros sob a possibilidade discutida no *Lexicon*: i) a geração de Adão (sem o concurso de espermatozoides e óvulos, como se diria na atual linguagem da biologia); ii) a de Eva (sem óvulo, mas com espermatozoides); iii) a de Cristo (sem espermatozoides, mas com óvulos); iv) a comum geração.

Na amplitude teológica católica deste contexto e aparato, que irá ser reforçado com uma outra referência a Fonseca – especificamente suscitada em razão de Gabriel Biel (“Canon e Biele”<sup>71</sup>) –, s.v. “Tergiversari”<sup>72</sup>, Goclénio parece contradizer a nossa impressão inicial. Ele sugere não ser a física, mas uma nova lógica (*logica et metaphysica*) a abrir a clareira da recente teologia e dos seus desafios. A estrutura do verbete é clara e vale a pena esmiuçá-la um pouco mais, também para transmitir ao leitor do presente inquérito que nunca tenha contactado com o *Lexicon* algum vislumbre do que podia ser um verbete seu. Goclénio define “tergiversari”, dá o seu correspondente grego, cita Virgílio, caracteriza-o como falácia sofisticada, que pedagogicamente exemplifica – como quando v.g. se dissimula a intenção com uma resposta

<sup>70</sup> Goclenius, *Lexicon*, 197a: “Extra nihilum esse est actu esse in rerum natura. Existentiae accidentis opponitur subsistentia, id est, existentia substantiae. Coll. Conimbr. 4 de Gener. et Corr. Arist.” Tal como o testemunha a seguinte tese, Goclénio ensinou, naturalmente, as obras de Aristóteles, *Disputatio philosophica duplex: Altera Physica: De Generatione & Corruptione. Altera Ethica: Peri tōn aretōn homilētikōn* (Marpurgi: Egenolphus, 1594).

<sup>71</sup> Goclenius, *Lexicon*, 1128b: “Terminus a quo totalis totali ad quem contrarius est, ut habens formam privato forma; partialis partiali, ut forma privationi formae, sed totales termini sunt contrarii per se secundario, id est, per partiales. Partiales vero sunt contrarii per se primo. Fonseca 5 l. Phil. cap. 1.”

<sup>72</sup> Goclenius, *Lexicon*, 1126b: “Formalis autem a quo generatio sumit speciem sub forma humana, quae est eiusdem speciei cum formis aliorum hominum vid. Colleg. Conimbr. comment. 1 lib. 1 de generatione et corrupt. cap. 4 quaest. 14.”

diferente – e detém-se na apresentação dos seus géneros e aceções: em geral, em especial, essencial, como objeto, na aceção lógica (sujeito e objeto), da causa final e filosófico (correlato, segundo Zabarella). Como bom professor e dicionarista bem-intencionado, Goclénio prossegue elaborando esquemas em chave, aqui comparando inexplicitamente a anterior possibilidade ii) em que Maria é dita uma “pessoa” e acerca da qual é citado o passo do *De Generatione de Góis*.

Continuando, num apartado do mesmo verbete, intitulado “lógica e metafísica”, no qual a proposição “Deus é Homem” é abordada nas suas duas distintas conotações substanciais, Goclénio convoca dois nomes, o de Gabriel Biel e o de Pedro da Fonseca. A posição de Biel, considerada escotista por Fonseca,<sup>73</sup> fora examinada em Coimbra sob um prisma “físico”, ao frisar que a geração de Adão não podia colher no caso de ser entendida como um tipo de nascimento (*primi parentes geniti non autem nati*). Segundo a versão de Fonseca, Biel defendia uma prioridade “ex parte rei”, não uma prioridade ao nível do conhecimento, do que gera relativamente ao que é gerado (i.e., uma pessoa gerada recebe o ser de quem o gera, numa prioridade de origem, não de natureza). Se Fonseca vai seguir Biel no tocante a essa prioridade, dele dissenterá, no entanto, ao exigir que a prioridade “ex parte rei” seja igualmente compartilhada pelo conhecimento (*ex modo intelligendi nostro*); é o modo de Fonseca se afastar, quer de Escoto, quer de Aquino, e de alegadamente se aproximar de Aristóteles. “Alegadamente” porque o núcleo do seu ensinamento nada tem a ver com Aristóteles, como é óbvio, tal como o seguinte rápido resumo o mostra: há uma apreensão da relação de produção ou geração não aplicada à pessoa que é gerada, mas ao ser hipostático, mas imperfeito, que lhe é comunicado e que é duplamente absoluto e relativo! Ninguém pode dizer que é Aristóteles que fala. Seja como for, o papel do “físico” Fonseca relativamente ao caso do “lógico e metafísico” Biel passa por precisar que, de um ponto de vista *lógico*, termos como “a quo”, central na discussão em curso, têm de ser perspetivados como totais e parciais, estes considerados contrários ‘per se’ em sentido primário, aqueles, em sentido secundário, na medida em que a contrariedade dos termos totais acontece mercê dos termos parciais. Esta diferença, para não dizer “diferendo” é tão relevante, quanto informativa, mas põe nas mãos dos leitores do *Lexicon* a tarefa de serem eles a perscrutar uma história abreviada, um diferendo subtil e textos de mais difícil acesso. Talvez fosse esse o escopo de um dicionário filosófico concebido não só para uso na disciplina áulica, mas também a pensar na pressa dos “fora” e novos “cafés” europeus – isto para não insistir no expediente da navalha de Ockham, acima provocadoramente avocado. Seja como for, e porque é de “Tergiversari” que se trata, valeria a pena de-

<sup>73</sup> Cf. Fonseca, *Commentariorum*, V, c. 1, q. 3, s. 2, col. 28.

morarmos (ou demorar-se alguém no futuro, na sequência do presente inquérito) na explicação, alcance e horizonte da “tergiversação” gocleniana que embraia, a meu ver, uma passagem da física à metafísica, quiçá por razões impostas pela teologia protestante.

Considere-se um outro conimbricense, Baltasar Álvares. O entrecruzamento temático e problemático acolhido no verbete “Influere” justifica as igualmente duas únicas citações do título de Álvares – nos dois casos sempre a disputa 2, a. 2, para os verbetes “Consentaneum”<sup>74</sup> e “Subiectum/pressius acceptum”.<sup>75</sup> O motivo não é, todavia, metafísico, ao menos como Álvares entendia a disciplina, no *Tratado da Alma Separada*,<sup>76</sup> mas é do âmbito da filosofia natural. Defendendo-se a unidade do composto humano, dito, por Goclénio, o “sujeito total”, ali se retoma a tese tomasina da separação intelectualiva como uma solução não consentânea – é este mesmo o vocábulo utilizado no *Tratado* (d. 2, a. 2) que perguntava sobre a naturalidade do estado de separação da alma e que Goclénio faz questão em esclarecer (ou matizar) como sinónimo de “desejável”.

Retorno a Góis e aos seus demais títulos. Este jesuíta comparece em duas entradas mais do *Lexicon*. Uma, concernente à disputa VI<sup>a</sup> do volume da *Ethica*, s.v. “Canon/Passio pro receptione cuiusque rei”, a qual, conquanto não identificada por Goclénio, provém seguramente da q. 3, a. 1 (p. 184 da recente edição bilingue).<sup>77</sup> A outra, s.v. “Perfectio/Explicatio”,<sup>78</sup> relativa a

---

<sup>74</sup> Goclenius, *Lexicon*, 452a: “Non est consentaneum atque expetibile (desiderabile) animam separatam existere a corpore, id est, contra naturam animae nostrae, ut ait Thomas Aq. Animae a corpore separatio non est ei naturalis sive consentanea. Coll. Com. Tractat. de anim. disp. 2 art. 2.” Cf. M. Góis, In *De anima*, 473 paginação da editio princeps.

<sup>75</sup> Goclenius, *Lexicon*, 1086b: “Hoc in rebus naturalibus est compositum physicum, singular dicitur et subiectum Totale Coll. Conimb. Disp. de anima separata art. 2.”

<sup>76</sup> Para uma rápida incursão no campo da metafísica, segundo o entendimento de Álvares, vd. Carvalho, “Beyond Psychology – The Philosophical Horizon of the ‘Coimbra Commentary on Aristotle’s *De Anima*’ (1598)”, in Daniel Heider (ed.), *Cognitive Psychology in Early Jesuit Scholasticism*, (Neunkirchen-Seelscheid: Editiones Scholasticae, 2016), 67-95.

<sup>77</sup> Goclenius, *Lexicon*, 804 a: “Cum expulsione eius, quod naturae patientis accommodatum erat. Haec acceptio propria magis et germana est. Id enim proprie pati dicitur, quod a dispositione secundum naturam ad eam, quae secundum naturam non est, perducitur. Colleg. Conimbr. in Ethic. disput. 6. Talis passio intelligitur.” Cf. *Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo II: Disputas do Curso Conimbricense sobre os livros das ‘Éticas de Aristóteles a Nicómaco’*. Tradução do latim e Introdução Doutrinal de Mário Santiago de Carvalho, Fixação do Texto Latino de Sebastião Tavares de Pinho e Mário Santiago de Carvalho (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).

<sup>78</sup> Goclenius, *Lexicon*, 815 a: “Forma se materiae communicat eam perficiendo et ut Barbari loquuntur, actuando. Ad hunc modum communicationis reducitur ea, qua in mysterio Incarnationis personalitas Filii Dei Humanitati assumptae divinis tributata est. Vid. Colleg. Conimb. in disput. in Ethic. Aristot.”

um passo não identificado da *Ethica* (mas que, com toda a segurança, é d. 1, q. 1, a. 2, p. 78 da mesma edição, tal como, aliás, o paralelo no quadro acima o ilustra). Em ambos os casos continuaríamos no capítulo da filosofia natural e estaríamos, respetivamente, perante a verdadeira definição de “paixão” e de “perfeição”, o que não é coisa de somenos no horizonte de um *Lexicon*, assim como se depreende de uma entrada alheia a Góis, mas atinente a Fonseca, “Affectio” sobre o mesmo vocábulo.<sup>79</sup>

Mais do que a quantidade de entradas com referências a Coimbra e até a sua impressiva qualidade e inesperado rigor, importa esquadrinhar o horizonte temático das mesmas, um pouco como acabei de sugerir em relação a “Tergiversari”. Com cautela, embora, algumas pistas podem ser traçadas. Parece de novo evidente que uma problemática de charneira lógica/metafísica, como era a da questão dos universais e das áreas com ela conexas, suscita a atenção de Goclénio, embora não tanto quanto a que se prende ao campo da filosofia natural. Porque a designação é de Fonseca, não deixa de ser curioso que seja a Couto e não a Fonseca que o *Lexicon* vá beber o vocábulo “precisão”, s.v. “Determinatio ad unum”, ligado a “aptidão” que define os universais.<sup>80</sup> Seja como for, a questão citada da *Isagoge* que Couto compôs versa exatamente o tema “de aptitudine rei universalis propria” e a expressão técnica “unidade de precisão” surge noutros lugares, como v.g. numa referência adicional à *Isagoge* (Porf. q. 5, a. 3), s.v. “A parte rei”.<sup>81</sup> Posto que se pergunta, em contexto de polémica – dividindo escotistas, tomistas e caietanistas – se “a natureza comum na espécie inteligível é formalmente universal” (*Vtrum natura communis sit formaliter universalis in specie intelligibile?*), o registo do artigo citado choca com a, digamos, superficialidade da referência de Goclénio. Desprezando a centralidade da espécie inteligível e aproveitando o passo de Couto, o alemão deixa simplesmente registado que a diferença

<sup>79</sup> Goclenius, *Lexicon*, 78b: “Afectio seu passio propria vel eadem est essentialiter cum subiecto, ut pathos trianguli: vel habet essentiam a subiecto diversam, ut Intellectus a forma intellectuali consecutive, id est, necessaria consecutione sequens proprium subiectum. Fons. in Metaph. Aristot. l. 5 cap. 2 quaest. 6.”

<sup>80</sup> Goclénio, *Lexicon*, 524b: “Haec convenit unitati praecisionis et aptitudini ad essendum in multis, ideoque ‘Rei universalis’ Vid. Coll. Conimb. in praef. Porphy. q. 3 art. 3.” Sobre este assunto, cf. M. S. de Carvalho, “The Coimbra Jesuits’ Doctrine on Universals (1577-1606)” *Documenti e Studi sulla Tradizione Filosofica Medievale. An International Journal on the Philosophical Tradition from Late Antiquity to the Late Middle Ages of the ‘Società Internazionale per lo Studio del Medioevo Latino’ (S.I.S.M.E.L.)* 18 (2007), 531-543.

<sup>81</sup> Goclenius, *Lexicon*, 4b: “Quaeritur, an natura communis a parte rei differat a singular. Colleg. Conimbr. in Praefat. Porph. quaest. 5 art. 3 s. 1. Thomae sectatores respondent a parte rei nihil existere, quod actu distinguatur a singularibus, sed ratione differre communem naturam singular.”

singular/natureza comum é, para São Tomás e seus discípulos, apenas uma diferença de razão. Num procedimento não coincidente com este, Goclenio convoca Fonseca para uma oposição a Tomás de Aquino.<sup>82</sup> Apesar de tudo, a legítima autoridade do jesuíta no campo da lógica retorna em duas passagens, respeitantes, primeiro, aos nomes equívocos e análogos, em que alegadamente protagoniza uma “escola” – a dos Escolásticos, s.v. “Absolute universale”<sup>83</sup> – e, depois, à definição de universal e do estatuto da analogia,<sup>84</sup> embora só no primeiro caso Goclenio identifique o texto original (*Inst. Dial.* I 21-22), como se disse acima já.

Alguma relevância de Fonseca surge igualmente nos campos da filosofia do conhecimento, da epistemologia e da ligação da cognição à metafísica, sobretudo porque quase todos eles foram elaborados exclusivamente a partir do jesuíta português. Temos nestes casos, e para acabar, vários verbetes.

Primeiramente, duas entradas. Uma respeitante ao conhecimento humano distinto (“Cognitio”),<sup>85</sup> sem esquecer o conhecimento intuitivo da natureza divina;<sup>86</sup> a outra, sobre os limites no conhecimento das substâncias incorpóreas (s.v. “Modus”).<sup>87</sup> Aqui, é inevitável perguntarmo-nos por que razão Goclenio prefere Fonseca a Álvares, de cujo texto, o *Tratado da Alma Separada*, mostra ser incompleto leitor, pelo menos à luz das duas únicas citações feitas desse *Tratado*.

---

<sup>82</sup> Goclenius, *Lexicon*, 5 a: “Sed Fonsecae persona producens et ex parte rei et modo intelligendi nostro est aliquo modo prior producta.”

<sup>83</sup> Goclenius, *Lexicon*, 12 a: “Analogia quaedam non Absolute, id est, simpliciter (ut vera universalia) [...] cuiusmodi Aequivoca a casu vocantur a Schol. Vide Fons. in Dial. l. 1 c. 21 et 22.”

<sup>84</sup> Goclenius, *Lexicon*, 304b: “Vniversale seu commune latissima significatione est unum quid ad multa pertinens. Fonseca.”; Goclenius, *Lexicon*, 307 a: “Analogis deest vera unitas: etsi apta sint (suo modo) ut in multis insint. Itaque Entia per accidens, ut sunt Respub. et navis, Fonseca ad analoga refert.”

<sup>85</sup> Goclenius, *Lexicon*, 382b: “Fonsecae ‘Totum cognitio distincta est’ qua notum cognoscitur per cognitionem partium, id est, perspectis particulatim omnibus, quae in eo continentur: ut cum cognoscimus totum aedificium lustratis omnibus eius partibus tum interioribus, tum exterioribus.”

<sup>86</sup> Goclenius, *Lexicon*, 384b: “An angelus comprehendat se adaeum homo proprio conceptu apprehenditur (...) Confusa notitia est. Fons. l. 1 Metaph c 2 q 2.”

<sup>87</sup> Goclenius, *Lexicon*, 697b: “Hinc efficitur substantiam incorpoream, ut incorporea est, a nobis non posse cognosci ‘Quidditatiue seu essentialiter’ P. Fonseca. in 2 Metaph. Arist. c. 1 quaest. 2.”

Seguidamente, o problema da abstração em ciência (“Abstractio in Scientia”),<sup>88</sup> ao que o *Lexicon* acrescenta duas notas historiográficas comparativas sobre a doutrina da abstração, ambas – atrever-me-ia a dizer – condicionadas pelo próprio texto de Fonseca.<sup>89</sup> Refiro-me, seja a Alexandre de Hales e Fonseca (“Distinctio Abstracti ex Alensi et Fonseca”),<sup>90</sup> seja ao modo como o jesuíta de Coimbra falha a explicação escotista a esse respeito (“Scotistarum de abstractis accidentium explicatio”).<sup>91</sup> Ao tratar da demonstração circular (“Demonstratio”),<sup>92</sup> encontramos uma breve alusão suscetível de poder revelar a consideração de Goclenius sobre a opinião de Fonseca no tocante à qualificação da filosofia primeira como ciência livre (“Libera scientia”).<sup>93</sup>

Dada a sua extensão e importância sublinho, por fim, uma outra longa citação identificada no *Lexicon* de modo vago que se pode ler no verbete sobre a análise (“Resolutio”); uma vez mais enxertando-se no livro Vº (c. 7, q. 9, s. 1), ela trata da impropriedade do lexema e conteúdo respetivo quando aplicado a

<sup>88</sup> Goclenius, *Lexicon*, 15a: “Haec igitur abstractio est realis. Vide Fonseca in Metaphys. Aristotelis lib. 5 c. 28 quaest. 6 et infra hunc librum, ubi clarius exponuntur modi abstractionis in scientiis contemplativis.”

<sup>89</sup> Ainda no tocante à história da filosofia, o *Lexicon Graecum* deixa apenas uma referência a Hermes, haurida em Fonseca, mas é sobejamente conhecida a importância desta figura mítica na época e, igualmente, o acolhimento que o *Curso Jesuíta Conimbricense* lhe faz (cf. Carvalho, “Philosophy”); leia-se: “6. Hermes seu Mercurius est ille, qui a magnitudine sapientiae Trismegistus, id est, ter maximus elogio insigni nobilitatus est. Hic fertur dixisse, Deum esse circulum, cujus centrum ubique, ‘ocsáphereia’ vero nusquam. ‘Circulum’ dixit, inquit Fons. ut summam Dei perfectionem significaret. ‘Habentem ubique centrum’, quia ubique totus est, vel a quovis spatii, in quo est, puncto lineae in quamlibet partem protensae dantur omnes sine medio aequales i.e. infinitae. Denique ‘Nusquam habentem circumferentiam’, quos nullo termino ejus praesentia definiatur ac circumscribatur: Etsi Scal. dictum Trismegisti aliter recitat ex 363 idemque reprehendit.” (Goclenius, *Graecum*, 90 a).

<sup>90</sup> Goclenius, *Lexicon*, 15b: “Fonseca abstractionem praecisionis universalium facit duplicem: unam ektiken (habitualement) si fiat per species ektikos inhaerentes sive impressas; alteram energetiken (actualement) si fiat per apprehensionem eius quod repraesentatur 5. Metaphysic. cap. 28 quaest. 6 lect. 1.”

<sup>91</sup> Goclenius, *Lexicon*, 19a: “Sed Fonseca Scoti distinctionem non probat. Sicut enim animalitas non resoluitur in aliquid abstractius, ita nec color, aut ullum abstractum accidens. Voce sane dicatur coloreitas abstractius quid quam Color, at significatione dici nequit. Idem enim prorsus est color, atque natura, qua color est color. Sicut idem est humanitas, atque natura qua ipsa est humanitas. Hoc indicium est Fonsecae.”

<sup>92</sup> Goclenius, *Lexicon*, 504a: “Demonstrare Circulo est idem per idem ostendere, quod non solum non est demonstrare, sed ne simpliciter quidem probare, cum omnis probatio debeat esse e notioribus. Fons. 4 Met. c. 4 explanat.”

<sup>93</sup> Goclenius, *Lexicon*, 644b: “Ita scientia est ‘eleuthera’ libera, quae ‘autes enekon’ (sui gratia est) quae non refertur ad opus, aut si maus, ait Fonseca, ad aliam superiorem, ut prima Philosophia.”

Deus, por exemplo no sentido de se reconduzir a causa ao efeito (o que é incorreto), diferindo, por isso – nota com cabimento absoluto num *Lexicon* – a “revocatio” da “reductio”, tal como a diferença existente entre género e espécie.<sup>94</sup>

Tal como depreendo que Goclenio bebe um exemplo em Fonseca para explicar um solecismo na teologia (“Soloecismus”),<sup>95</sup> não poderia terminar este inquérito sem deixar anotado o facto de o jesuíta português comparecer em alguns casos como uma fonte lexical filosófico-teológica. Este é um ponto que merece ser assinalado, haja em vista que falamos de alguém como Goclenio, senhor indiscutível de um cabedal lexicográfico. À parte o vocábulo “sinédoque” (ou melhor “Synecdoche/ Secundum Quod, ‘kath’o’, Quo, Quatenus ‘ephw’”),<sup>96</sup> temos a quantidade de vocábulos em cujo esclarecimento Fonseca comparece, facto que, uma vez mais, nos revela alguma importância do nosso autor nas salas de leitura de Marburgo. Pela sua aparente insignificância descortinámos que Fonseca está presente nas partículas ‘E’ (ver-

---

<sup>94</sup> Goclenius, *Lexicon*, 994 a: “Interdum vocatur talis Resolutio Revocatio unius propositionis ad aliam. Interdum dico, quia haec phrasis generalior est et latior. Significat enim etiam relationem alicuius ad aliquod prius. Itaque Fons. l. 5 Metaph. ait: Revocari unum ad aliud nihil aliud est, quam referri illud tanquam ad aliquod prius natura: ‘sive generationis ordine:’ quomodo totum revocatur ad partes: ‘sive perfectionis’, qua ratione revocantur partes ad Totum, ubi voci Resolutionis locus prorsus nullus est. (...) Nec satis commoda est vox Reductionis. Ac quod aliud proprie Revocatio, aliud Reductio ex hoc pronuntiatio Fonsecae percipitur: Quae in praedicamentis per se locum habent, et reliqua, quae ad illa reducuntur, omnia ad Deum, tanquam ad omnium principium finemque revocantur, id est, referuntur. Sic idem Fonsecae non recte loquuntur, qui dicunt, Deum ad praedicamenta reduci, tanquam causam primam ad sua effecta. Nam causae Efficiens et Finalis non reducuntur ad sua effecta, sed potius effecta ad causas illas. Efficiens et Finalis signate dico. Quia Materialis et Formalis causae dicuntur reduci ad compositum. Differunt ergo Revocatio et Reductio, ut Genus et Species.”

<sup>95</sup> Goclenius, *Lexicon*, 1058 a: “Patres interdum dicunt, Christum assumpsisse totum hominem, vel verbum assumpsisse hominem. Fonseca ait, hanc propositionem esse figuratam, id est, impropriam et exponendum, vel quo homo improprie hic sumatur pro humana natura, quae sola formaliter significatur hominis nomine...”

<sup>96</sup> Goclenius, *Lexicon*, 1116a: “ Si vero sumatur [=secundum], ut significat id, quo finis formaliter causat ac efficientem causam ad agendum allicit, finis est causa secundum esse reale. Id enim quo agens formaliter allicitur ad agendum, est ipsum esse reale rei, quam consequi desiderat. P. Fonseca in 5 Metaph.” Capietti no meu livro e de Guidi da Brepols, p. 172 refere de passagem a importância da doutrina da causa final de Fonseca na escolástica protestante.

bete “Et”);<sup>97</sup> “Praeter”,<sup>98</sup> “Extra”,<sup>99</sup> “Omnino”,<sup>100</sup> “Videtur” e “Quod”.<sup>101</sup> Decerto com uma relevância lexical e filosófica maiores, o jesuíta comparece igualmente em “Ordinatum”,<sup>102</sup> além de “Dependentia”,<sup>103</sup> “Separatum”,<sup>104</sup> “Similia”<sup>105</sup> e “Suppositare et suppositum”.<sup>106</sup>

Por várias vezes aludi ao espectro lexical atinente à física, que é deveras impressionante, dado o seu número considerável. Recordo que Goclenius atinge o auge da sua carreira universitária como catedrático de filosofia natural.<sup>107</sup>

<sup>97</sup> Goclenius, *Lexicon*, 169b: “Et aliquando videtur sumi partim copulative seu copulativum. Partim distinctum, ut in Definitione Naturae, cum dicitur. Natura est principium motu set quietis. Sententia enim est (Fonsecae hoc placet) Natura est principium aut motus tantum, aut motus et quietis.”

<sup>98</sup> Goclenius, *Lexicon*, 859a: “Fonseca in Metaphys. lib. 1 cap. 1 quaest. 2 ‘praeter accipit pro supra’. Duobus modis aliquid fit praeter Naturae ordinem: Vno, si solus modus faciendi sit supra Naturam: Sic primi parentes facti sunt a Deo. Altero, si formae ipsae sint supernaturales, id est, non possint naturaliter introduci, ut Lumen Gloruae. p. 59.”

<sup>99</sup> Goclenius, *Lexicon*, 203a: “Interdum idem est, quod Ultra, cui opponitur Citra. Sic Fonseca. Terminus id est, extra sive ultra, quod nihil est rei terminatae et infra seu citra quod omnia illius [id est omnes partes rei terminata] continentur.”

<sup>100</sup> Goclenius, *Lexicon*, 276a: “Fonseca: Christi Humana Natura est res singularis, verum non per se omnino existens, sed existens in verbo divino, a quo sustinetur.”

<sup>101</sup> Goclenius, *Lexicon*, 949b: “Accidentium naturalium materiam quandam esse dici potest, id est, non habent ea materiam, tametsi pro subiecto ipsam rei substantiam, quae ‘quoquo modo’ materia eorum dici potest. Fonseca.”

<sup>102</sup> Goclenius, *Lexicon*, 281b: “Quaecumque invicem referuntur, invicem ordinata sunt: ait Thomas. Hoc sic interpretatur Fonseca: Quaecumque invicem referuntur, id est, extrema, quae denominantur relativa, seu extrema, quae mutua relatione referuntur, sunt cognata inter se, aut communicatione alicuius formae communis, ut duo similia (unum in albedine) aut mutua ad se invicem propensione, ut agentia et patientia creata.”

<sup>103</sup> Goclenius, *Lexicon*, 513 a: “‘Pendere ab alio in ratione’ essendi, aliud est quam pendere ab alio in ratione principiandi. Fons. Exempli causa: Materia principium pendet a forma principio in ratione essendi, sed non in ratione principiandi. Materia enim non habet suum modum causandi a modo causationis Formae, proindeque nec principiandi, licet modo illo ad causandum et principiandum ei fit opus.”

<sup>104</sup> Goclenius, *Lexicon*, 1027 a: “Corollarium: ‘Proprie igitur quae non permanent, sed pereunt, Separari non dicuntur, sed Perire et Aboleri.’ Itaque accidentia quae naturaliter removemur a subiecto, ut virtus ab homine realiter ab eo separari seu abstrahi proprie dici non possunt (sed perire) quia naturaliter, quod addit Fonseca, sine subiecto cohaerere non possunt.”

<sup>105</sup> Goclenius, *Lexicon*, 1051b: “Similia contra quodammodo, quae non sunt reciproca: ita Entia (creata) dicuntur similia Deo, quia entia sunt. At Deus illis similis non dicitur. Fonseca in 4 Philos. 1 Thom. 7 [sic!] p. q. 4 art 3. Dionysius cap 9 de nominibus divinis.”

<sup>106</sup> Goclenius, *Lexicon*, 1107b: “Suppositale esse, est substantiale, substantiae individualae, cuiusmodi est esse hypostaticum. Fonseca in Metaph. libr. 5 cap. 8 quaest. 7.”

<sup>107</sup> Cf. Rudolf Schmitz, *Die Naturwissenschaften an der Philipps Universität Marburg 1517-1927* (Marburg: N.G. Elvert, 1978), 15 sgg.

Ora, como ficou dito acima, seria nesta área que o *Curso Jesuíta Conimbriense* devia impor-se. Todavia, além da telegráfica referência à doutrina da visão s.v. “Disgregare visum”, vozes como “Nutrimentum”,<sup>108</sup> “Temperatura, temperamentum”,<sup>109</sup> Mistio<sup>110</sup> e “Tergiversari”, de novo, elucidam-nos com facilidade sobre o carácter muito concreto, mas de pouco valor, da presença coimbrã.

Algo diferente se passa no caso dos verbetes que citam o *Comentário à Metafísica de Aristóteles*. Em primeiro lugar, deparamo-nos com muitas mais vozes que amplificam substancialmente o campo da filosofia natural. Talvez elas mostrem a importância desta disciplina filosófica, que vale a pena caracterizar com maior detença. Quase que como em extremos, impõem-se-nos o verbe “De actione physica”<sup>111</sup> e “Quies Physica”. Aquele remete para a questão 5 do capítulo 2 do central livro V, isto é, para o estatuto da causa eficiente. Este, “Quies Physica”, aborda o tema do repouso, matéria capital na física aristotélica e que, por caber na definição de “natureza”, pertence de pleno direito à filosofia natural aristotélica. No mesmo âmbito está o verbe que cita a secção 2 (col. 20 da edição de Colónia) “Principium/Arché”<sup>112</sup> que trata da questão da definição de “princípio”, nomeadamente a de saber se ela compete à física, nas suas aceções de princípio de constituição e de geração. Menos importante seria o passo sobre a exegese de Empédocles – “Sphaerus”<sup>113</sup> – mas ele entretece-se com o tema que parece concitar a maior atenção da equipa de Goclénio. Refiro-me, por um lado,

<sup>108</sup> Goclenius, *Lexicon*, 783 a: “Coll. Conimb. l. 1 de Gener. cap. 5 q. An potus nutria, pronuntiatum est: potus non nutrit, nisi idem sit potus et cibus, ut vinum.”

<sup>109</sup> Goclenius, *Lexicon*, 1121b: “Qualitas composita seu plures, nempe quatuor primae qualitates ad temperamentum reductae Coll. Conimb.”

<sup>110</sup> Goclenius, *Graecis*, 263b: “(...) Coll. Conimb. 1 de generatione et corrupt. c. 10 q. 1 art. 2.”

<sup>111</sup> Goclenius, *Lexicon*, 40b-41 a. “Differunt tantum ratione seu ‘epinoía’ nostra, quia hic influxus prius naturae ordine terminatur ad actionem receptam in ligno, quam ad compositum, quod ex actione resultat. P. Fonseca. in 5 Metaph. Arist. c. 2 quaest. 5 explicatione.”

<sup>112</sup> Goclenius, *Lexicon*, 870b: “4. In aditu Physicorum Aristoteles dicit principia esse, quae neque ex sese neque ex aliis sed ex quibus omnia sunt. Et haec acceptio particularis est, accomodataque ad res naturales: at definitionis sententia est: Principia, quae ad cuius uis rei naturalis siue constitutionem, sive etiam generationem concurrunt, ea sunt, quae neque ex sese neque ex aliis sed ex quibus illa (res naturalis) per se constat aut etiam gignitur. Fons. in Met. Arist. l. 5 c. 1 q. 2. Evidenter autem in definitione hac comprehenduntur principia Constitutionis, quam Generationis.”

<sup>113</sup> Goclenius, *Lexicon*, 1075 a: “Sphaerus Empodocli est ipsum coelum, quem Deum facit, a quo excludit discordiam. De hoc Fonsecae in explan. 4 c. l. 3 Metaph. Arist.” Cf. Fonseca, *Commentarium*, expl. nn, col. 610.

ao tema controverso como é o do espaço, colacionado embora sob o prisma da sua dependência a Santo Agostinho – “Sonus/Spatium”<sup>114</sup> –ou ao espaço local em “Aptitudo”<sup>115</sup> e, por outro lado, à doutrina do tempo e duração – “Duratio”. Tal como em Kant e antes em Newton ambas as temáticas, tempo e espaço, associavam-se. A leitura do comentário de Fonseca ao livro V, feita por Goclenio, refere várias distinções de tempo, mas a questão do espaço superabunda. Leiam-se “Dimensio, Dimensus, Trinus”,<sup>116</sup> relativamente ao capítulo 13 do livro Vº. Seguem-se “Vbicatio”,<sup>117</sup> agora para o capítulo 15 do mesmo livro, isto é, o predicamento “Vbi” de que se ocupa a questão 9;

---

<sup>114</sup> Goclenius, *Lexicon*, 1067b: “De vero spatio illo opinionem scito esse Augustini lib 11 de civit. Dei. P. Fonsecae in comment. in 5 Metaphys. Aristotelis... Ad hanc obiectionem [sc. ante creationem non erat cum Deo quicquam] responderet Fonsecae distinctione et explicatione vocis ambiguae aliquid, vel quicquam...” Cf. M. S. de Carvalho, “Exposição”, 131-146.

<sup>115</sup> Goclenius, *Lexicon*, 122b: “Aptitudo seu capedo est ut Activa vel quasi activa, aut passiva, vel quasi passiva. Distinctio haec est Fonsecae ubi disputat de spatio locali, de capedine corporum seu aptitudine ad corpora capienda. VSUS: Spatium immobile et fixum, in quo corpora sunt seu quod a corporibus occupatur et in quo mundus ipse est seu orbis hic, est aptitude ad corpora capienda, quae maior est et minor iuxta quantitatem locandorum corporum, imo infinita, ut capere possit omnia corpora, ea etiam quae extra Mundum a Deo produci possunt (potentia absoluta) seu est non-repugnantia quaedam corporum capiendorum commensurata corporibus locandis, de sententia Fonsecae. Sed contra argumentor.”

<sup>116</sup> Goclenius, *Lexicon*, 537b. 538b: “Quod ad Trinum Dimensum attinet, multi sunt, inquit Fonseca, qui putant idem esse trinam dimensionem atque longitudinem, latitudinem et profunditatem, et cum linea dicatur esse unius dimensiones... Sed non ita res habet [...] ... Quare cum corpus dicitur longum, latum et profundum, seu quantitas continua longa, lata et profunda, aut vulgari et non philosophica (hoc est minus exquisita) ratione id accipiendum est, aut sic intelligendum, ut longum, latum et profundum usurpentur pro eo, quod est Trifariam dimensum seu habent trinam dimensionem. Hoc iudicium Fonsecae est in Comm. in 5 l. Phil. c. 13. Dimensiones aut sunt inaequales aut aequales.”; cf. col. 695 ed Colonia.

<sup>117</sup> Goclenius, *Lexicon*, 286a: “Definitio Fonsecae: Quicquid est, alicubi est, saltem in spatio aliquo aut spatii alicuius termino. Hanc definitionem P. Fonseca etiam extendit ad Deum, quia sentit Deum ab omni aeternitate ‘onios’, et revera fuisse sine ulla sui extensione in eo spatio, in quo mundum condidit, et quidem totum in qualibet eius parte, lib 5 Metaph. c. 15 quaest. 9 prim. Ne in loco seu actuali loci occupatione seu repletionem Huic subest successive habere varias Vbicaciones. Suarez in Thom. De Sacr. p. 662.”

leiam-se, por fim, “Vbique”<sup>118</sup> e “Alicubi”.<sup>119</sup> Acrescente-se um verbete ainda e sempre referente ao capítulo 13 do livro V<sup>o</sup>, “Mutatio”<sup>120</sup> (este assunto comparece imediatamente antes do estudo do tempo), mas aqui Goclénio deveria estar a remeter para a questão 9 sobre a definição de mudança, s. 1, col. 713 da edição de Colónia.

Decididamente, mais do que Góis, é Fonseca (*In Metaph.*) a autoridade conimbricense no campo da física, o que à primeira vista pode parecer estranho,<sup>121</sup> mas esta disciplina tem a amplitude que se há de ler s.v. “Absolute spectatum”.<sup>122</sup>

Dizendo respeito à afirmação segundo a qual, além de Deus, nenhuma realidade mais pode ser absolutamente necessária, uma longa citação que Goclénio reproduz de Fonseca, não identificada por ele, mas que provém seguramente do Livro V<sup>o</sup> do *Comentário à Metafísica* (c. 5, q. 1, s. 4), remete para o esclarecimento da noção de “conexão” (s.v. “Connexum/Connexiones rerum”).<sup>123</sup> Mais concretamente, ela visa explicar o modo como se deve enten-

<sup>118</sup> Goclenius, *Lexicon*, 287a: “A nonnullis pro eo, quod est non solum in mundo, sed etiam in infinito spatio, quod extra mundum, esse illi (prios) volunt Deum non esse determinate seu definite esse in spatio hoc, quod mundus occupat. Hi vero seu posteriores Indeterminate, ut coeli coelorum eum capere nequeant. Ex horum numero sunt Augustinus (...), Bernhardus, Salignacus, Fonseca, Fr. Picus Mirand.”

<sup>119</sup> Goclenius, *Lexicon*, 286b: “Alicubi esse accipitur Proprie et Improperie. Proprie cum sumitur pro eo, quod est esse in loco, proprie dicto, idque incircumscriptive vel definitive, de sententia Fonseca. (...) Imaginario, ut vocari solet, id est, in spatio aliquo, quo modo mundus est in ea spatii dimensione, quam occupavit et etiamnum occupat. Sed hoc spatium verum et necessarium est Fonsecae, non fictitium.”

<sup>120</sup> Goclenius, *Lexicon*, 733b: “‘Mutatio quaelibet est ut simplex aut complexa.’ His duobus modis posse accipi ‘metabolen’ seu mutationem. Docuit Fons. In 5 Metaph. Arist. c. 13.”; cf. col. 713 ed. Colónia.

<sup>121</sup> Um verbete em particular – “Gradus” (Goclenius, *Lexicon*, 620b: “Graduum latitudo est, quae numero definitur, ut 8. inclusive. Certus eorum terminus videatur apud Fonseca. in phys. pag. 400 et 403) – deixa-nos perplexo, na medida em que atribui uma *Physica* a Fonseca; pode tratar-se de uma gralha, porque não conhecemos nada publicado nesse âmbito.

<sup>122</sup> Goclenius, *Lexicon*, 11a: “Absolute sumpta dicuntur ut quae realiter actuque insunt. Non absolute, ut quae actu inesse possunt cum subiectis sunt Naturalia: vid. Fonseca in 1 Phil. lib. 5 c. 28 quaest. 19.”

<sup>123</sup> Goclenius, *Lexicon*, 444b-445 a: “Connexiones rerum nihil aliud sunt, quam identitates quaedam subiectorum cum praedicatis, antecedentium cum consequentibus. Intellige Identitates fundamentales, quae nihil aliud sunt, quam negationes quaedam diversitatis subiectorum a praedictis (...) identitas hominis cum animali est negatio diversitatis ab illo secundum subiectum. Hae negationes diversitatis sunt privativae vel pure negativae: privativae sine subiectis non existunt, ait Fonseca, pure negative existunt, id est, per solam non existentiam eorum, quae negant, ait idem Fonseca. id est, negationes purae dicuntur,

der a exposição que Duns Escoto faz da tese de Henrique de Gand sobre o ser da essência real e atual, dependente por participação das ideias divinas que o causam. Situando-a, Fonseca, no plano da identidade – a negação da diversidade – sujeito/predicado, e dando assim, azo a que o jesuíta português (conforme Goclénio sublinha) introduza mais distinções, como as relativas às negações privativas e puramente negativas, vale a pena deixar apontado como o autor do *Lexicon philosophicum* se revela atento, sem qualquer pejo em demorar-se numa subtileza de que os novos tempos se despedirão a breve trecho.

### *Algumas Conclusões Provisórias*

Do exposto até aqui seguem-se necessariamente algumas conclusões, ainda que mais genéricas do que gostaríamos. Em se tratando apenas de um inquérito, provavelmente de difícil leitura corrente, confinamo-nos a uma enumeração que veicule algumas descobertas, a suscitar confirmação mais alargada e pormenorizada:

- O inquérito reproduziu o maior número possível das citações feitas no *Lexicon* de Pedro da Fonseca e do *Curso Jesuíta Conimbricense*.
- Constatou-se que a presença de Fonseca supera em número a do Curso e que Coimbra obnubila a situação filosófica de Lisboa e de Évora na Marburgo do dicionarista.
- Goclénio e a sua equipa compulsaram de facto os textos coimbrões que citam e fazem-no de maneira bastante rigorosa, em muitos casos.
- Mais do que na lógica, Goclénio aposta na física, estranhamente conferindo um maior lugar a Fonseca do que a Góis.
- Em contrapartida, a marca de Coimbra no concernente ao léxico ontológico parece irrelevante.
- A presença do *Comentário à Metafísica* de Fonseca ultrapassa a das *Instituições Dialéticas*, sendo o Livro Delta o mais lido, seguido de Alfa, Gama e Delta.
- Já a presença do Curso atém-se a três passos de Góis e de Couto, sendo particularmente enigmática a ausência de alusões à *Physica* daquele, apesar de Goclénio não desconhecer o *De Generatione*.

---

quae suo modo existant, non indigente existentia subiectorum. Definitio conexiones rerum intelligitur ex hoc, ‘quod omnis vera praedicatio fundatur in identitate aliqua subiecti cum attributo’. Hinc verarum praedicationum ‘aliae sunt essentiales’, quia subiectum est idem secundum essentiam cum praedicato; ‘aliae sunt accidentales’, quia subiectum est cum Praedicato idem subiecto. Haec Fonseca.” Vd. também Goclenius, *Lexicon*, 444a: “Divina attributa ordinata et distincta sunt a parte rei virtute solum, id est, ratione effectorum. Fonseca. 5 Metaph. Itaque in divinis attributis datur Prioritas tantum virtute. Idem ibid.”

- Pode conjecturar-se que os textos de Coimbra tivessem servido a Goclénio como referências de segunda ordem para a história da filosofia, Aquino ou sobre posições genericamente consideradas “escolásticas” ou dos “doutores escolásticos”, grupo em que o lexicógrafo inclui também os autores de Coimbra.
- Nem sempre Goclénio se pronuncia ou avalia as teses que cita a partir das suas fontes coimbrãs, mas este assunto merece maior detença e consideração no futuro.
- Sendo apenas preliminar, este inquérito é revelador do muito trabalho por fazer e, conquanto sucinta, a metodologia de leitura de “Tergiversari” v.g. deveria ser amplificada e generalizada aos demais verbetes.
- Finalmente, e de maneira óbvia, o derradeiro escopo deste inquérito não poderá ater-se ao *Lexicon*, mas pode partir deste para a restante obra de Goclénio.

## Bibliografia

- Bäck, Allan. *On Reduplication Logical Theories of Qualification*. Leiden. New York· Köln: E.J Brill, 1996.
- Bluteau, Raphael. *Vocabulário portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos*, Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728.
- Camps, M<sup>a</sup> da Conceição & Carvalho, M. S. de. *Cor, Natureza e Conhecimento no Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense (1592-1606)*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.
- Carvalho, Mário Santiago de. “O jovem Karl Marx, leitor inesperado de um comentário jesuíta português”, *Brotéria* 191: 5 (2020), 410-418.
- \_\_\_\_\_. “Uma ‘escola filosófica de Coimbra’? História, tendências e problemas”, *Revista Filosófica de Coimbra* 32 (2023), 255-275.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário do Curso Filosófico Conimbricense*, Coimbra: Palimage, 2020.
- \_\_\_\_\_. “Exposição metafísica do Espaço-tempo imaginários em Pedro da Fonseca e Manuel de Góis”, *Revista Filosófica de Coimbra* 29 (2020), 131-146.
- \_\_\_\_\_. “De Coimbra a Pequim: história e geografia do aristotelismo conimbricense”, in Carlota Miranda Urbano & Margarida Miranda (coord.), *Textos Fundamentais da Companhia de Jesus: Pedagogia e historiografia*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2024, 93-115.
- \_\_\_\_\_. “Acidentais ocidentes e a surdez de Aristóteles. Para uma geografia da Filosofia” *Biblos* n. s. 2 (2004), 189-218.
- \_\_\_\_\_. “Philosophy at the Geopolitical Service of Mission: Coimbra Jesuits’ “Wirkungsgeographie” (1542-1730)”, in Cristiano Casalini, Emanuele Colombo, and Seth Meehan (eds.), *Engaging Sources: The Tradition and Future of*

- Collecting History in the Society of Jesus* (Proceedings of the Symposium held at Boston College, June 11–13, 2019), Institute of Jesuit Sources, Published: April, 20, 2021 <https://doi.org/10.51238/ISJS.2019.25>
- \_\_\_\_\_. “Presenças franciscanas no ‘Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Para uma cartografia do escotismo português moderno” *Itinerarium* 62: 215-216 (2016), 485-497.
- \_\_\_\_\_. “Introdução à leitura do Comentário dos Jesuítas de Coimbra ao ‘De Anima’ de Aristóteles (mediante o estudo do tema monopsiquista)” in J.L.B. da Luz (org.), *Caminhos do Pensamento. Estudos em Homenagem ao Professor José Enes*, Lisboa: Edições Colibri Universidade dos Açores 2006, 507-532.
- \_\_\_\_\_. “Beyond Psychology – The Philosophical Horizon of the ‘Coimbra Commentary on Aristotle’s *De Anima*’ (1598)”, in Daniel Heider (ed.), *Cognitive Psychology in Early Jesuit Scholasticism*, Neunkirchen-Seelscheid: Editiones Scholasticae, 2016, 67-95.
- \_\_\_\_\_. “Pedro da Fonseca: Between Humanism and Scholasticism”, in Mauro Mantovani & Rafael Ramis-Barceló (editores), *Escolástica y Humanismo Renacentista*, Madrid: Editorial Sínderesis, 2025, 215-235.
- \_\_\_\_\_. “Fonseca, Pedro da”, Conimbricenses.org Encyclopedia, Mário Santiago de Carvalho, Simone Guidi (eds.), doi = “10.5281/zenodo.2563270”, URL = “<https://www.conimbricenses.org/encyclopedia/fonseca-pedro-da>”, latest revision: January, 29th, 2020.
- \_\_\_\_\_. “The Coimbra Jesuits’ Doctrine on Universals (1577-1606)” *Documenti e Studi sulla Tradizione Filosofica Medievale. An International Journal on the Philosophical Tradition from Late Antiquity to the Late Middle Ages of the ‘Società Internazionale per lo Studio del Medioevo Latino’ (S.I.S.M.E.L.)* 18 (2007) 531-543.
- \_\_\_\_\_. “Reading Aristotle in Sixteenth-Century Conimbricense Philosophy. Nomadic Natural Philosophy and Theological Design”, in *L’io, il mondo, la storia. Studi in onore di Costantino Esposito*, a cura di Paolo Ponzio, Francesco Marone, Giacomo Fronzi e Antonio Lombardi, Milano-Udine: Mimesis Edizioni, 2025, 89-101.
- Cassin, Barbara (ed). *Vocabulaire européen des philosophies: Le dictionnaire des intraduisibles*. Paris : Seuil, 2004.
- Couto, Sebastião do. *Commentarii Collegii Conimbricensis e Societate Iesu. In universam Dialecticam Aristotelis Stagiritae*, Coimbra: D.G. Loureiro, 1606.
- Efal-Lautenschläger, Adi. “Self-examination, Understanding, Transmission: On Becoming a Teacher in Clauberg’s *Logica vetus et nova*”, in *Reading Descartes Consciousness, Body, and Reasoning* edited by Andrea Strazzoni Marco Sgarbi, Firenze, Firenze University Press 2023, 101-128.
- Fonseca, Pedro da. *Instituições Dialéticas/Institutionum Dialecticarum Libro Octo*. Introd., estabelecimento do texto, trad. e notas de J. F. Gomes, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1964.
- Forlivesi, Marco. *La filosofia universitária tra XV e XVII secolo*. Padova: Cleup, 2013.
- Freedman, Joseph S. “Aristotle and the Content of Philosophy Instruction at Central European Schools and Universities during the Reformation Era (1500-1650)”, *Proceedings of the American Philosophical Society* 137: 2 (1993), 213-256.

- Freudenthal, Jakob, “Goclenius, Rudolf” in: *Allgemeine Deutsche Biographie* 9 (1879), 308-312 [Online-Version]; URL: <https://www.deutsche-biographie.de/pnd119396181.html#adbcontent>
- Gass, Wilhelm. *Geschichte der Protestantischen Dogmatik in ihrem Zusammenhange mit der Theologie überhaupt*. Erster Bd.: Die Grundlegung und der Dogmatismus, Berlin: G. Reimer, 1854.
- Giglioli, Guido. “What’s Wrong with Doing History of Renaissance Philosophy? Rudolph Goclenius and the Canon of Early Modern Philosophy”, in: C. Muratori, G. Paganini (eds), *Early Modern Philosophers and the Renaissance Legacy*, Springer, Cham, 2016, 21-39; [https://doi.org/10.1007/978-3-319-32604-7\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-319-32604-7_2)
- Goclénio, Rudolph. *Lexicon Philosophicum quo tanquam clave philosophiae fores aperiuntur, Informatum opera et studio Rodolphi Glocenii*, Francofurti: Typis viduae Matthiae Beckerii, impensis Petri Muscoli, 1613 [rep. Anastática: Hildsheim/New York, Georg Olms, 1980].
- \_\_\_\_\_. *Lexicon Philosophicum Graecum*, Marchioburgi: Typis Rudolphi Hutweickerei, Impensis Petri Musculi, 1615 [rep. anastática: Hildsheim/New York, Georg Olms, 1980].
- \_\_\_\_\_. *Problemata logica*, Marpurgi: Egenolphus, 1591.
- \_\_\_\_\_. *Isagoge in Organum Aristotelis*, Francofurti: Z. Palthenius, 1598.
- \_\_\_\_\_. *Disputatio Philosophica*, Marpurgi: Egenolphus, 1603.
- \_\_\_\_\_. *Physicae completae*, Francofurti: Palthenius, 1604.
- \_\_\_\_\_. *Themata De corporibus Physicis, et speciatim De cometis*, Marpurgi: Egenolphus, 1589.
- \_\_\_\_\_. *Commentariolvs De Ratione Definiendi. In Vsvm Academiae Marpurgensis*, Francofurti: Palthenius, 1600.
- \_\_\_\_\_. *Psychologia: hoc est, de hominis perfectione, animo, et in primis ortu hujus, commentationes ac disputationes quorundam theologorum & philosophorum nostrae aetatis*, Marpurgi : Egenolphus, 1590.
- \_\_\_\_\_. *Rodolphi Goclenii Svmmi Philosophiae Doctoris, Professoris Academici, Partitionvm Dialecticarum ex Platone, Aristotele, Cicerone, Philippo, Bernardo Copio et aliis ; in vsum discipulorum suae fidei commissorum, concinnatarum ; Libri Ii. Omnibvs Iis, Qvi Aristotelica, & Ramea simul intelligere, nodosq; difficiles expedite dissolvere cupiunt, multum profuturi. Accessit De ratione disputandi brevis et Methodica Introductio*. Francofurti : Z. Palthenius, 1595.
- \_\_\_\_\_. *Disputatio philosophica duplex: Altera Physica: De Generatione & Corruptione. Altera Ethica: Peri tōn aretōn homilētikōn*, Marpurgi : Egenolphus, 1594.
- Góis, Manuel de. *Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense. Tomo II: Disputas do Curso Conimbricense sobre os livros das ‘Éticas de Aristóteles a Nicómaco’*. Tradução do latim e Introdução Doutrinal de Mário Santiago de Carvalho, Fixação do Texto Latino de Sebastião Tavares de Pinho e Mário Santiago de Carvalho, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.
- \_\_\_\_\_. *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, In duos libros De Generatione et Corruptione Aristotelis Stagiritae*, Coimbra: A. Mariz, 1597.
- \_\_\_\_\_. *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, In tres libros de Anima Aristotelis Stagiritae*, Coimbra: A. Mariz, 1598.

- Gomes, Joaquim Ferreira. “Introdução”, in Pedro da Fonseca. *Instituições Dialéticas/Institutionum Dialecticarum Libro Octo*. Introd., estabelecimento do texto, trad. e notas de J. F. Gomes, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1964, xxi-lxviii.
- Gomes, J. Pereira. “Teses de Filosofia”, *Revista Portuguesa de Filosofia* 5 (1949), 423-431.
- Guidi, Simone. “Fonseca on Substance, Subsistence, and Supposit», in *Pedro da Fonseca. Humanism and Metaphysics*, edited by Simone Guidi, Mário S. de Carvalho, Turnhout: Brepols, Turnhout: Brepols, 2023, 193-223.
- Heidegger, Martin. *Die Grundprobleme der Phänomenologie*, Gesamtausgabe, Band 24, hersg. Friedrich-Wilhelm von Herrmann, Frankfurt am Main: V. Klostermann, 1975.
- Heider, Daniel. “Fonseca's Halfway Reductionism of Internal Senses”, in *Pedro da Fonseca. Humanism and Metaphysics*, edited by Simone Guidi and Mário S. de Carvalho, Turnhout: Brepols, 2023, 87-103.
- Henriques, Marisa das Neves. “Vocabulaire européen des philosophies: Le dictionnaire des intraduisibles de Barbara Cassin – Nótulas sobre o contributo português”, *Revista Filosófica de Coimbra* 19 (2010), 489-496.
- Hirschberger, Johannes. *Historia de la Filosofía* Tomo 1; trad. Barcelona: Herder, 1977.
- Hoven, René. *Lexique de la prose latine de la Renaissance/Dictionnaire of Renaissance Latin from prose sources*, Deuxième édition revue et considérablement augmentée /Second, revised, and significantly expanded edition. Avec la collaboration de /Assisted by Laurent Grailet, Traduction anglaise par /English translation by Coen Maas Revue par / Revised by Karin Renard-Jadoul Brill, Leiden-Boston, 2006.
- Lamanna, Marco. *La nascita dell'ontologia nella metafisica di Rudolph Göckel (1547-1628)*, Verlag, Hildesheim – Zurich – New York: G. Olms, 2013.
- \_\_\_\_\_. “On the Early History of Psychology”, *Revista Filosófica de Coimbra* 38 (2010), 291-314.
- Leblanc, Hélène. *Théories sémiotiques a l'Âge classique*. Paris: Vrin, 2021.
- Leinsle, Ulrich D. *Dilinganae Disputationes. Der Lehrinhalt der gedruckten Disputationen an der Philosophischen Fakultät der Universitaät Dillingen 1555-1648*, Regensburg: Schnell und Steiner, 2006.
- \_\_\_\_\_. “Species, entitates habituales, or intellectio ? Ontological Commitments in Early Jesuit Cognitive Psychology”, in D. Heider (ed.), *Cognitive Psychology in Early Jesuit Scholasticism*, Neunkirchen-Seelscheid: editiones scholasticae, 2016, 159-181.
- Lewalter, Ernst. *Spanisch-jesuitische und deutsch-lutherische Metaphysik des 17. Jahrhunderts: Ein Beitrag zur Geschichte der iberisch-deutschen Kulturbeziehungen und zur Vorgeschichte des deutschen Idealismus*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1935.
- Lorhard, Jakob. *Ogdoas scholastica continens diagraphen typicam artium Grammatices, Logices, Rhetorices, Astronomices, Ethices, Physices, Metaphysices, seu Ontologiae*, Sangalli: Apud G. Straub, 1606.

- Marrone, Francesco. “Sullo Scotismo di Èta Moderna. La voce res del Lexicon philosophicum di Rudolph Göckel”, in *L’io, il mondo, la storia. Studi in onore di Costantino Esposito*, a cura di Paolo Ponzio, Francesco Marrone, Giacomo Fronzi e Antonio Lombardi, Milano-Udine: Mimesis Edizioni, 2025, 251-267.
- Maurício, Domingos. “Os Jesuítas e a filosofia portuguesa dos séc. XVI a XVIII”, *Brotéria*, 21 (1935), 310-329.
- Miranda, Maria Margarida Lopes, “Manuel Álvares”, *Conimbricenses.org Encyclopedia*, Mário Santiago de Carvalho, Simone Guidi (eds.), doi = “10.5281/zenodo.2643499”, URL = “<https://www.conimbricenses.org/encyclopedia/alvares-manuel/>”, latest revision: April, 17th, 2019.
- Moreau, Pierre-François. «Wolff et Goclenius», *Archives-de-Philosophie* 65, 1 (2002), 7-14.
- Ong, Walter J. *Ramus, Method and Decay of Dialogue: From the Art of Discourse to the Art of Reason*, Cambridge. Mass.: Harvard University Press, 1958.
- Ramminger, Johann. *Neulateinische Wortliste. Eine Wörterbuch des Lateinischen von Petrarca bis 1700& Lemmatarium Neolatinum*: [http://nlw.renaessancestudier.org/neulateinische\\_wortliste.htm](http://nlw.renaessancestudier.org/neulateinische_wortliste.htm)
- Stiening, Gideon. “Deus vult aliquas esse certas notitias”: Philipp Melanchthon, Rudolph Goclenius und das Konzept der ‘notitiae naturales’ in der Psychologie des 16. Jahrhunderts”, in *Melanchton und die Marburger Professoren (1527-1627)*, hrsg. von Barbara Bauer, Marburg: Universitäts-Bibliothek, 2000, 757-787.
- Schmitz, Rudolf. *Die Naturwissenschaften an der Philipps Universität Marburg 1517 - 1927*, Marburg: N G Elwert Verlag, 1978.
- Schwab, Hans-Rüdiger. *Philipp Melanchthon. Der Lehrer Deutschlands. Ein biographisches Lesebuch* Berlin: Verlag Dtv, 1997.
- Strieder, Friedrich Wilhelm. *Grundlage zu einer hessischen Gelehrten und Schriftsteller Geschichte. Seit der Reformation bis auf gegenwärtige Zeiten*, Bd. 4, Göttingen: Barmeier, 1784.
- Vailati, Ezio. *Leibniz and Clarke: A Study of Their Correspondence*, Oxford: Oxford University Press, 1997.
- Wundt, Max. *Die Deutsche Schulmetaphysik des 17. Jahrhunderts*, Tübingen: Heidelberger Abhandlungen zur Philosophie und ihrer Geschichte, Bd. 29, 1939.